

BRASIL-PORTUGAL

16 DE JUNHO DE 1899

S. M. a Rainha D. Amelia



Chronica Electrica

É DIFFICIL apurar qual seja a espécie mais numerosa e damninha, se a dos Pangloss, se a dos pessimistas. Uns e outros estão fóra da verdade, e falsas são porisso todas as observações que façam. Não é dos primeiros que trato agora. A analyse d'esses outro dia terá cabimento n'esta columna. São os ultimos que a eloquencia dos contrastes se encarregou de pôr em evidencia e me impoz a missão, que gostosamente cumpro, de os amarrar hoje a este pelourinho.

Tudo para elles n'esta terra está perdido. «Desappareceram todo o prestigio, toda a confiança, toda a generosidade, todo o valor. Ao cimo das aguas revoltas d'este mar, onde todos os ideaes naufragaram, apenas fluctua na sua expressão mais sordida, o egoismo moderno. A valentia, que em mortas épocas, levou ao mundo inteiro a fama do nosso nome, sumiu-se na paz morbida em que apodrecemos.» E contudo a historia d'este fim de seculo insere nas suas paginas nomes gloriosos que nas campanhas d'África souberam reviver o lendario heroismo dos portuguezes! Morta a valentia, apagado o patriotismo! E no entanto, ha poucos dias, convidamos os soldados d'um regimento a indicar quaes d'entre elles queriam ir na expedição para Moçambique, nem um deixou de vir d' frente para exclamar com alvoroço e jubilo: «Eu.»

Este conjunto de faculdades superiores que transforma em virtudes as qualidades do coração e dá á caridade uma orientação alta e consciente, que intellectualisa a bondade e faz do altruismo uma santa philosophia pratica, tambem para esses pessimistas terrificos tal conjunto de faculdades deixou de existir. O que só para elles existe é a miseria humana com todas as suas alevisas, com toda a sua ignominia.

Bem haja essa divina creatura que pelo talento, pela opportunidade, pelo coração e pela vontade, se encarregou de dar a esses pessimismos doentios o mais formidavel destino.

Inextinguivel como a propria caridade, intelligivel como se fosse de abnegação, de honra e de brío, a missão que a si mesma se impoz, ainda não tem a mão repousada de fazer o bem e eis de novo a abril-a, para de novo entornar d'adivas celestes e promessas fanciaes sobre os desgraçados para quem Ella se converte de subito no anjo tutelar.

Bem haja essa doce creatura — que deve ser sagrada para todos os espiritos opprimidos — que por simples impulsos de uma alta consciencia e de um oiro fa renascer n'uma vida immensa todas as qualidades affectivas de uma raça, desdobra o altruismo abrindo-a a todas as expansões da sympathia publica, faz com que na bolsa da caridade caia com o mesmo ruido jubiloso o oiro dos argenteiros e a esmola dos remedios, e, depois de conquistada tamanha victoria, de alcançado um triumpho tão desmedido, parece agradecer ainda com o mais gracioso e gentil sorriso a quantos accudiram ao seu chamamento, a quantos se deixaram atrahir pelo magnetismo da sua bondade, a quantos collaboraram na obra commum da caridade e do amor para com os desgraçados.

Bem haja Ella que acaba de mostrar como ainda n'este paiz um nome pode ser cercado de todos os prestijos, e como vale mais de que todos os cortejos pomposos o cortejo dos sentimentos e dos affectos acompanhando com fervor por toda a parte um coração predestinado e eleito.

Onde está a miseria? Onde está a desgraça? Como se chama? Que nome tem hoje? Que nome tem amanhã? Em que logar habita? Desde quando existe? Que importa saber tudo isto, se o essencial é saber que a miseria pede auxilio, que a desgraça necessita soccorro.

E fôr, vivo e n'uma epiphania tão feminina e tão humana, parece dizer n'um sorriso apenas aos desherdados, aos tristes de que se aproxima: *Venham junto de mim todos os desgraçados.*

Mas a epidemia alastra, o bacillo prolifico tenta dirigir o seu ataque a todos os organismos, e a miseria cresce, e a promiscuidade aterra, e parecem impotentes os recursos que existem para dar batalha ao poderoso e invisivel inimigo.

Chegou o momento supremo. Toda a vontade é necessaria, todo o prestigio é indispensavel, toda a força, toda a intelligencia, todo o coração é mister pôr ao serviço da cruzada santa. O momento é este. A missão é sagrada, e como que tocada pela inspiração de Deus. «É preciso que eu fale e diga tudo o que ha a dizer, tudo o que os sabios ainda não disseram, tudo o que todos hão de ouvir para se aperceberem da omnipotencia do mal, afim de lhe darem batalha.»

Eis a missão, eis a grandeza de animo, eis a victoria desigualavel d'essa desigualavel creatura. É o momento supremo. Então a natureza, collaboradora consciente e providencial, poz mais encantos na sua mocidade, mais graça ainda no seu sorriso, mais doçura na sua belleza, e ao prestigio dos grandes oradores que emprestou á sua voz argentina e commovida, juntou-lhe esse sexto sentido da ternura feminina, essa eloquencia do coração pela qual Demosthenes trocára a sua, eloquencia sincera e arrebatadora, que contagia todas as vontades, e com o mesmo prazer com que se lançam flores, faz lançar oiro d'as mãos de quem se cofre destinado a soccorrer uma das mais pungentes misérias da vida.

Bem haja Ella que faz transformar em chuva de oiro a bondade do coração, bem haja Ella pelas vidas que vae arrancar á morte, bem haja Ella pelas benções que vae colher, pelas lagrimas que vae enxugar, bem dita seja, e para sempre, a Rainha!

Brasil-Portugal.

Liga dos Estudantes Brasileiros em Portugal

PRO PATRIA

CIRCULAM hoje ainda, não raro, entre portuguezes, tantas e taes idéas falsas, relativas ao Brasil, o abençoado torrão queiro do sol, que, em menos d'um seculo de vida autonoma, soube soerguer e na curva evolutiva dos povos a nutrir sua flor, ainda para muitas das velhas nações europeas, idéas, d'izias, falsas contra que nos conspiramos e que, de mistura com velhos preconceitos, e mal fundados despeitos de antiga metropole, muito tem concorrido para que, em geral, seja a terra brasileira havida por inferior, e como de resto, bastas vezes, tratada.

«Portugal, em certa maneira, completamente ignora o Brasil» escrevia no anno passado o sr. Pereira de Sampaio (Bruno), e, certo dizia.

Alguns jornalistas respigados aqui e além nas folhas diarias, homens politicos mais em evidencia, o grande maestro do Guarany, por favor já, e acabou-se.

A propria paizagem, soberbo vitral polychromo, tão exuberante de seiva e vigor, em que tantos poetas, paisanos e estranhos se tem inspirado, é discutida, quando não depreciada, e a immensidade é o soldado dos seus serões, reveste a natureza as apparencias d'uma mesga de terra africana, vistos pelo prisma e feição, que é uso attribuir-se-lhes em Portugal.

Dos homens conhecidos, mesmo, mais lhe sabem, raras excepções feitas, a personalidade que a obra; a evolução litteraria, artistica e scientifica, o proprio movimento politico, que, por brilhante, algumas attencões buscou, resultam, por conseguinte, quasi desconhecidos.

Alcança todavia allo a mentalidade brasileira, e numerosos são seus artífices, beletistas e cientistas: em todos os ramos da sua amplissima litteratura emergem primordiales elementos promissores, n'uma diagnose certa, de preponderancia proxima.

É a, politica e geographically, segunda nação do livre America, é, de facto, já a primeira e a maior pelas bellas-lettas e artes.

Revoltados com o erro de tão refalsadas apreciações, que no orgulho nos ferem, em tantos ramos da cultura, e a immensidade do que vale e do que é essa tão querida Patria, se juntaram, n'um movimento de reacção, resolvidos a mostrar, claro e forte, o muito que de bom e de bello ha nas qualidades e primicias condições da nacionalidade brasileira.

Tal a razão de ser da Liga dos Estudantes Brasileiros em Coimbra, a que, por fortuitas e casuarias circumstancias, honra me é, presidir.

Entendendo vantagem e dever, para portuguezes e brasileiros, o proprio conhecimento das coisas, dos intellectos e da sua evolução no Brasil, uns e outros têm vindo publicando livros, e mais promettem, sobre a arte e o civismo da grande Republica do Sul d'America.

Mas, porque o livro, de si, seja mais restrictivamente lido, ou porque sua orientação altamente philosophica e propria profundidade, por se desvie, ainda mais, a já pouco numerosa, fila de leitores, ou porque estes, mesmo, por de pequena monta reputarem o assumpto, faltem, o certo é que o Brasil continúa ignorado, e sempre, mais ou menos, mal apreciado.

E por que equal sorte nos não tolha o passo, será, ao envez de esses tantos, «agglomerando uma copiosa missanga de informações» e usando do jornal, entendo mais de molde, por sua disseminada leitura, por sua repetida e procurada insustentavel, para o conhecimento, dos artigos, melhor acolhidos, por curtos e enendados d'outros assumptos, que buscarmos attingir o nosso fim, que a conseguir-se, será fecundo de bons effectos.

Muito, pela sua indole, deve, para este fim, concorrer esta Revista; e pois que n'ella encontramos, por amabilidade extrema dos directores, porta aberta, em successivos artigos, se nos torna praser buscar e incurrir e impregnar (para o que bastaria) a Revista, a mais, a menos cultos, da superioridade social, moral e intellectual da grande aggregação, que se chama Patria Brasileira.

Isso, breve, começaremos de fazer.

Coimbra, 4 Junho 99.

ANTONIO DA GAMA,
Presidente da Liga dos Estudantes Brasileiros.



BOLSA DO RIO DE JANEIRO — A Rua Primeiro de Março

Celestino de Menezes

CELESTINO de Menezes, consul de Portugal em Pernambuco, resume em si as duplas qualidades de luctador e de funcionario distinctissimo.

De luctador, porque poucos como elle teem atravessado por mais espinhosas veredas ladeadas de desgostos e desventuras a larga estrada da Vida.

De funcionario distincto, porque o tem sido, desde a sua entrada na vida publica aos 20 annos como official da secretaria do governo de Moçambique, até ao logar que actualmente occupa.

Foi em Bombaim que elle iniciou a sua carreira consular, e ahi mesmo foi promovido a chanceller effectivo, exercendo este logar durante oito annos.

Nomeado depois consul de primeira classe no Pará, seis annos serviu o governo portuguez n'essa bella região do norte do Brasil.

E taes servicos ahi prestou, e por tão alta fórma comprehendeu e executou a sua missão, e tão querido se tornou dos brasileiros, como o fora dos portuguezes, que o governador do Estado e o presidente da Republica intercederam perante o governo portuguez para que se não realisasse a transferencia projectada. E Celestino de Menezes não foi transferido.

Celestino de Menezes é commendador das ordens portuguezas de Christo e da Conceição, e de Isabel a Catholica de Hespanha. Não o envasidecem, porém, as distincções honorificas, e o que de todos o torna querido são os primeiros de caracter a realçar-lhe o valor pessoal. Por isso todos os portuguezes que residem em Pernambuco lhe querem como a um sincero amigo, e o respeitam como um verdadeiro homem de bem.

Celestino de Menezes
(Consul de Portugal em Pernambuco)

SANTO ANTONIO DE LISBOA



Santo António
Cópia do quadro existente na Basílica de Padua

DELICIOSAS, de um accentuado característico popular, todas essas alegrias que rodeiam e molduram n'uma aureola de poesia as festas do santo casamenteiro da mocidade. Nunca o austero predicador de Padua suscitou sequer, que o seu nome havia de servir de egide e evocação nos amores dos rapazes e das moçilas.

Santo António é o santo casamenteiro por excellencia, e desde as classes mais elevadas até ás mais ínfimas, todos lhe rendem preito, todos procuram o seu patronato condescendente á realisação do casamento.

Na vespéra do seu dia, qual é a jovem enamorada que não queima uma alcaçofra esperando-a ver florida ao romper da manhã; que não consulta a sorte; que não interroga o bochecho d'água ao tanger a ultima badalada da meia noite; e que não dirige ao santo as illusões do seu pensamento a esvoaçarem como leves andorinhas no amplo azul das phantasias juvenis?

Santo António é o santo portuguez que maior numero de devotos possui, devotos alegres, sorridentes, despreocupados e felizes que se deixam embalar nas ondas argentadas dos sonhos da mocidade.

E por elle toda essa hilariante juventude ansiosa de libar d'um trago a taça doirada das paixões.

E por elle toda essa chilreante cohorte dos que sentem a vida a reterver-lhes nas veias e a esperanza a incendiar-lhes o coração.

E por elle o universal cantico do amor, etero balsamo de consolo e fé a suavisar nas almas as sangrentas chagas das desillusões da vida.

A sua festa é uma benção suavissima a encher de alegrias e de esperanças os espiritos mais rudes, os caracteres mais concentrados.

E não sei que mysteriosa satisfação nos borrija a alma quando ouvimos esses descantes populares entoados ao som plangente da guitarra, trovas apaixonadas de promessas feitas e jurados votos, enquanto a lua recorta nas profundezas do firmamento o seu disco de prata.

Santo António é o santo que mais legitimamente nos pertence e que mais encerra em si as tradições d'um povo trovadoresco e sonhador.

Corram-se todas essas provincias de Portugal, de norte a sul, de oeste a leste, e na vespéra da sua festividade encontrar-se-ha a mesma animação e vida na mais populosa cidade, e na mais humilde aldeia.

Para lhe render preito sempre ha uma guitarra disponível, uma fogueira crepitante, um cantor inspirado, e meia dúzia de rapazes e raparigas alegremente dançando.

Dois terços da população do paiz não se deitam n'essa noite, e é de ver, ao romper do dia, quando passa no ambiente essa fina lamina do frio da madrugada, as moças gentis dos logarejos correrem pressurosas á fonte, a lavar o rosto, onde não tarda a florirem as delicadas rosas da mocidade.

Quem te diria a ti ó santo scimador, ó mystico contemplativo d'uma



Aposento onde nasceu Santo António, em Lisboa



Túmulo do Setto na sua capella da Basílica de Padua

vae longe o anno em que se dedicou a este santo tão nosso, uma solemnisação imponente e grandiosa. Por essa occasião fez-se perceber ao povo o que elle fóra e os actos da sua vida, e ninguém deixou de concordar que, no *Flos sanctorum*, António de Padua occupava um lugar proeminente que muito nos enche de orgulho, visto elle ser portuguez. Contudo, essa festa que deixou nome, não teve a poesia, o encanto e a doçura que se encontra nas que lhe fazem as gentes do campo, na descuidada simplicidade da sua pobreza feita de atavios mas rica de crença, de fé, e de esperanza.

Tambem nos faltariamos a um grato dever, se não nos lembrássemos do nosso santo tão nacional como outro não conhecemos, e por isso, n'este mez em que elle triumpho, lhe damos n'estas paginas o retrato mais authentic que podemos adquirir, o quarto onde elle nasceu em Lisboa, o seu túmulo em Padua, e ainda uma soberba copia do thesouro que lhe pertence na basílica da cidade italiana, cidade que tem a invocação do seu nome.

POETAS E PROSADORES

(Perolas dispersas)

Formoso Tejo meu, quam differente
Te vejo e vi, me vês agora e viste:
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti foi-te trocando a grossa enchente,
A quem teu largo campo não resistiu,
A mim trocou-me a vista em que consiste
Meu viver, contente ou descontente.

Já que somos no mal participantes
Sejamol-o no bem, ah quem me dera
Que fossemos em tudo semelhantes.

Lá virá então a fresca primavera
Tu tornarás a ser quem eras d'antes
Eu não sei se serei quem d'antes era.

Amor é um fogo que arde sem se vêr;
E' ferida que doe e não se sente;
E' um contentamento descontente;
E' dôr que desatina sem doer:

E' um não querer mais que bem querer;
E' solitario andar por entre a gente;
E' um contentar-se de contente;
E' cuidar que se ganha em se perder;

E' um estar-se preso por vontade;
E' servir a quem vence o vencedor;
E' um ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode o seu favor
Nos mortaes corações conformidade
Sendo a si tão contrario o mesmo amor?

religião cheia de doces e consoladores encantos que havias de ser o príncipe mais alegre d'essa mesma religião?! Não o fosse, bem o sabemos pelo que as chronicas dizem do teu viver austero e grave no sombrio eremitorio de Padua, mas assim quiz a lenda que tu o fosses, mas assim o decretou o povo na sua vontade soberana e mysteriosa intuições. E não deves, ó santo virtuoso, cuja existencia foi um exemplo de bondades infinitas, sentir magoado ou offendido na tua virtude por esse patronato que a juventude reivindicou para ti.

Amaste a mocidade, dizem, como Christo amou as creancinhas. E a mocidade evoca-te e proclama-te seu protector do alto da cupula de ouro dos seus sonhos de esperanza e de illusão.

O teu culto é todo um hymno de paz e de amor, como de amor e de paz foi a tua missão na terra.

E, para aquellos que torturam e maltratam a tua imagem, que a deitam ao poço, que a decapitam, que a mettem no forno ou a lançam á fogueira, recorda sempre aquella sentença do Senhor que encerra um mundo de abnegação e de philosophia: *perdoa-lhes pae que elles não sabem o que fazem!* Mas por cada um d'estes iconoclastas inconscientes, possues mil devotos que te amam e veneram, desde as creanças que te erigem um throno festivo e brilhante á porta das suas casas, até esse throno guardado no coração da virgem que implora a tua protecção a favor da suprema ventura da sua existencia.

Com o decorrer dos seculos todas as festas e cultos perdem sempre, nos costumes e usos do paiz a que pertencem, um tanto do seu brilho e esplendor. A de Santo António está porem tão profundamente enraizada na alma portugueza que tem atravessado incolume todos os tempos e to-tas as modificações trazidas pelo progresso e pela civilisação.

Ainda mesmo em Lisboa, onde tudo passa e se transforma como succede sempre nas capitales, a noite de Santo António e as cerimoniaes a que a mocidade costuma proceder n'essa noite, persistem inalteráveis conservando o seu característico tradicional.

E' que a festividade de Santo António interessa os corações e fala-lhes essa mysteriosa linguagem em todos os tempos falada e de todos os povos comprehendida; a linguagem do amor. Não



Capella de Santo Antonio na Basilica de Padua

MARCHAND

A FRANÇA está contente, a França sente-se feliz porque possui o heroe do dia!

Heroe authentic, a valer, insophismavel, que por ella arriscou a vida e praticou actos de coragem e de valor atravez do grande continente africano.

Marchand, o verdadeiro militar tal qual o pôde sonhar a phantasia da guerra, conta 36 annos e fez a sua carreira nos campos de batalha. Em 1890, sendo tenente, foi nomeado para fazer parte do estado maior do exercito do Senegal. Capitão em 19 de dezembro de 1892, foi promovido a major em 1 de outubro de 1895, exactamente no dia em que se recebia em França a noticia da sua entrada em Fashoda.

Foi em 1896 que elle emprendeu essa arriscada e maravilhosa empreza de atravessar a Africa, e na qual gastou tres annos.

Antes, em 1889, esteve no Soudan, sendo gravemente ferido no assalto do Koundran, n'esse anno, e no de Diena em 1891. Em 1893 assistiu á tomada de Thiassalé, e em 1895 fez parte da expedição de Kong.

O relatório de Marchand é a brilhante epopeia de toda a sua missão, heroica pagina que enche de gloria a França e as tradições do seu exercito, salutar e benéfica compensação a essas erupções lamentáveis que repucharam da celebre questão Dreyfus.

A sua vinda, desde Toulon até Paris, foi uma verdadeira viagem triumphal que impressionou vivamente o coração dos francezes.

Todos á porfia, desde o chefe do estado e o governo até aos mais humilhes cidadãos, manifestaram ao intrepido official as maiores provas de respeito, de enthusiasmo e admiração pelo que elle vinha de praticar em nome da França.

Patriota acima de tudo, manteve sempre gloriosa e altiva, atravez de todos os perigos e desalentos, a bandeira da patria.

E esta, qual mále mãe extrema e cheia de orgulho pelo regresso do filho glorioso, abre-lhe os braços e aperta-o ao seio, enternecida de vaidade e de amor, por elle que tanto a soube honrar á face do mundo inteiro.

Marchand é um nome que jámais poderá apagar-se da historia do exercito francez para enfileirar ao lado de tantos outros que constituem a verdadeira Legião de Honra da grande nação latina.

MORTA!

(INEDITO)

O' minha mocidade inquieta e forte,
Que affrontavas a vida, rindo á morte,
Em que pillago fundo te sumiste?
Onde está esse heroico amor do Incerto
Que convertia o mundo em céu aborto
E aguentava tudo o que era triste?

Experiencia, saber, grandeza, gloria:
Convenção como as outras irrisoria,
Como que se illude eternamente o homem
Que n'essa eterna mascara disfarça
O inferno da tragedia armada em larça,
Os prazeres fingidos que o consomem!

Mentira tudo, taó faldada.
E' só no amor, é só na mocidade
Que vive uma parcelita do infinito.
Quando me acheli sem ti, ó meu thesouro,
A' negra covas das moros sombras de ócio
Fui arrojár-me, allucinado, afflicto!

Frio, bom frio como a lagexa fria,
N'ella jaz o cadáver da alegria,
A minha bohemia e santa companheira.
Irração! N'esses casos desencantados,
Como os vermes celebram seus noivados!
Como gozam os vermes da esterqueira!

Condensação do Eterno e do Improvieto
N'um só minuto — a mocidade é leto.
Tua onde espumam um vinho embriagante,
Estrela casta que um momento brilha,
Do sonho e da alvorada tu és filha,
O' mocidade virgem, minha amavel!

Perdi tudo — a o infortúnio foi tamanho
Que até perdi o que julguei ter ganho
A' roleta do mundo em que me via!
Do meu ser evolvi-me a parte nobre,
E como um rico fecha a porta a um pobre,
Ao coração fechou-se-me a alegria.

Tu rejuvenesceste ainda, ó Fausto.
Mas eu! Sem coração, sem alma, exaustão,
Vendo hira, fria, morta e moçoide,
Cego, lactecendo a estrada, sem que acerte,
Eu venho, Providencia surda, morto,
Denunciar-te a assassina — a Realidade!

POETISAS BRASILEIRAS DA ACTUALIDADE

II

Ibrantina Cardona



O retrato d'esta illustre poetisa brasileira affirma um caracter rijo e terso como o aço: tem força e brilho. Ha nos traços da sua physionomia uma doce expressão de coragem, que inspira confiança. Feliz o homem que por ella foi amado.

Natural do Rio Grande do Sul, publicou em 1897 o seu livro de versos intitulado *Plectras*.

N'esse livro está toda a sua alma e na sua alma vibram todos os fortes e leaes sentimentos que o seu retrato exprime.

Com razão disse Ibrantina Cardona ao invocar a musa:

..... dá-me as cordas de ouro á lyra,
aos *Plectras* de crystal sonora conluctura.

São effectivamente de crystal os seus versos pela transparencia com que dilucidam a sinceridade do coração — um livro aberto, onde o texto é nitido e as letras são de ouro.

E' principalmente nos versos de amor, ultima parte do livro, que o crystal dos *Plectras* se aclara em maior limpidez de verdade e convicção: ahi até as palavras valem o que pesam, rolando como os estilhaços ardentes de um vulcão chamejante. Escaldam. Num dos seus bellos sonetos ha um verso feito de lava:

o grande amor que assim me escaldá o pensamento;

e um terceto feito do aço do seu caracter leal e perseverante:

no lindo quadro azul da minha phantasia,
onde o teu vulto vive cabetto e namorado
fazendo palpitar meu peito noite e dia!

Que extremos de paixão, ao mesmo passo leonina e humilde, vulcanica e branda n'esses sinceros versos amorosos, que fecham com chave de ouro os *Plectras*!

Vencêra emfim o amor e da razão zombava...
E perdida, a beitar-te, eu cega, eu doidamente,
de poelhos te ofertava esta minha alma escrava!

Que fogosa inspiração pagá a do soneto que parece enlabyrinthar-se n'uma floresta de cabellos revoltos, como n'um carcere de amor onde a alma prisioneira deseja suportar um captivo delicioso!

Cabellos ideaes, desordenados!
Cabellos côr da noite tenebrosa!
Estrelai-vos, ó fios amarelados,
n'uma chuva de beijos luminosa!

São meus labios sedentos, abrasados,
buscando uma carcécula amorosa;
bencêra a voz, grilhões dos meus peccados
Cabellos que fazis-me criminoso!

Que o meu crime de amor seja infinito!
Eu louca, a peccadora aventureira,
jámais o coração terei constricto!

Serei, ó meu amante, prisioneira,
para eterno augmentar o meu delicto
sob a noite da tua cabelleira!

Que febre de paixão n'outro soneto, que faz lembrar um termometro subindo loucamente até ao maximo da temperatura decisiva!

Tantos beijos tens labios abrasados
deixaram-me na bocca, tanto afago
e tanto amor no peito agora trago,
que não posso contêr os disfarçados.

Em vão do labio meu teu nome apago...
Traidores os meus olhos, fascinados,
embora de si sejam desviados,
revelam meu amor onde os disvago...

E eu já nem sei de que maneira astuta,
perante essa curiosa e trêda gente,
agora hei de occultar a minha lucta...

Não posso mais conter-me indifferente;
pois hoje, quem me lita e quem me escuta
crê que vives comig' intimamente.

Como caracterisação psychologica de uma alma, que eu estou estudando atravez da vastidão do oceano, bastam os versos de amor de Ibrantina Cardona, a quem houver de lê-los com attenção e interesse.

Pendo a crêr que sem nenhum outro dado biographico além do seu livro, eu chegaria a determinar a sua provincia natal. Não podia deixar de ser o Rio Grande do Sul, visinho a oeste da Republica Argentina, onde o pampeiro sopra impetuoso e os gaúchos domam pôtros fogosos em vertiginosas correrias; confinante ao meiodia com o Uruguay onde os indigenas sonham voluptuosamente recostados na rêde entre vergéis de jasmim e laranjeiras floridas, que perfumam o «rancho» e estonteam a imaginação.

Mas se consigo, com saudade e esforço, arrancar-me d'essa especie de floresta encantada, que entrecruza em opulentas laçarias os sonetos amorosos de Ibrantina Cardona, e volto os olhos para outras paginas dos *Plectras*, encontro um tão alto ideal artistico, um tão burilado requinte de primorosa plastica metrica, que não duvido affirmar achar-me na presença de uma poetisa moderna, perita em modelar e bater os seus versos sobre uma incude de diamante refulgente.

Exemplo, o soneto intitulado:

TI-CHIN-FÚ

Tem olhos côr de onix e do Japão é filho.
Usa o rubicão e Yang-Yang perfumado.
O rosto é côr de oca, e de Nankim pintado,
o seu bigode negro e rufo tem mais brilho.

Veste setim Macau, verde claro, bordado
a ouro, com dragões e rosas no pettilho.
Traz ventarola á cinta, em delicado atilho;
nos pés botins de côr, com bico revirado.

E mandarim fidalgo e tem ricas baixelas,
kloaque, palanquim; habits um palacete
com lecto de crystal e crivos sas janelas.

Na mesa de xarô dá sempre o seu banquete;
fuma opio, é feliz; e entre mulheres bellas,
ressoma embriagado em flácido tapete.

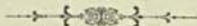
Citaria ainda, se fosse preciso, todo esse bello canto de uma notavel pormenorisação descriptiva, de um toque de realismo delectoso, que faz lembrar uma paisagem amena de Daudet enmoldurada no verso:

Vê-se no fundo o pomar... N'uma algazarra,
chia ali a cigarra,
e agudissimo trilo
constante solta o grillo;
em louca revoadá,
descanta e folga toda a passarada...
Vão e vêm pelo chão os pomboz manaos,
abrem pavões os leques furta-côres,
e n'um tanque a boiar grassam os gamos,
enquanto fazem toca seis castores...

Eis aqui definido, em todos os seus versos, o talento e o caracter de Ibrantina Cardona: talento maleavel a todas as inflexões da lyra; caracter sinceramente impetuoso no amor e solidamente vigoroso em todos os traços do dezenho litterario e em todas as tintas do colorido poetico.

Libras — Maio de 1899.

ALBERTO PIMENTEL.



Os homens de merito não necessitam de cuidar da sua fama; a inveja dos tolos e o odio dos pedantes bastam para a propagar.

A liberdade não consiste em fazer o que se quer, mas sim em fazer o que se deve.

O amor á patria é a lei de gravidade da alma.

A ordem nasce, e a anarchia faz-se.

Os ignorantes são os negros de casta branca.

CAMPAMOR.

CALDAS DE VIZELLA



Vista antiga

PONTE DE LIMA



Largo de Camões

Galeria da Imprensa

JORNAL DO BRASIL, do Rio de Janeiro

DR. FERNANDO MENDES

(DIRECTOR)

TEM os leitores do *Brasil-Portugal* na sua presença uma das mais características e proeminentes individualidades do Brasil. Redactor-chefe do jornal mais lido e vulgarizado em todos os Estados da Republica, o seu amor pela imprensa como que lhe apura e desenvolve todas as aptidões notaveis n'esse posto de honra e de combate.



Dr. Mendes de Almeida

O dr. Fernando Mendes de Almeida é professor distincto, é jurisconsulto abalisado, é commandante da Guarda Nacional do Rio de Janeiro, tem a correr-lhe nas veias o sangue de um dos homens que mais honraram o Brasil, o senador Candido Mendes, pois todo este nucleo de facultades herdadas ou adquiridas, tantas e tão avantajadas dons de talento, de caracter, de oração, n'elle se congregam e assimilam todos os momentos em que põe em acção e evidencia as suas facultades de jornalista. Apaixona-se por todas as causas nobres, elle o advogado insigne

na tribuna forense, torna-se o advogado por excellencia de todos os opprimidos na tribuna do jornal. Defende-os com todos os argumentos, e no combate diario terça as armas da polemica com a mesma galhardia que no seu posto militar sabe terça uma espada na defesa da patria.

E', além d'isto, o jornalista moderno em toda a sua vasta expressão. Os Estados Unidos do Norte, que visitou e enja civilização o enthusiasma, parece terem-lhe emprestado todo o seu movimento, toda a sua febre, toda a sua velocidade. Desde o artigo politico até á *nouvelle à la main* sabe fazer o jornal á americana, cheio de interesse, variado, vivo, sensacional. Porisso não podia o *Jornal do Brasil* deixar de ter a vasta sympathia e popularidade que tem no paiz inteiro, a que se transmitem a Portugal, e onde todos sabem, que a grande folha fluminense é ao mesmo tempo o advogado permanente de todos os interesses da patria e o defensor acerrimo de todos os portuguezes, o grande, o devotado amigo do Portugal.

Efficazmente auxiliado por seu irmão o dr. Candido Mendes, tambem jurisconsulto e jornalista de raras aptidões, o dr. Fernando Mendes de Almeida, está á frente de uma vastissima empresa, que dá honra ao Brasil, porque dia a dia contribue, nas columnas de um jornal popular, para o renome, para a grandeza, para a prosperidade, d'esse abençoado paiz.

FERNANDO VICTOR MENDES DE ALMEIDA

(CORRESPONDENTE COMMERCIAL)

ORAMO illustre d'esta familia, que vive em Lisboa, todo o paiz o conhece. Os seus nomes existem, e distinctos, no exercito, no magisterio superior, na agronomia, no sport, no funcionalismo publico.

O nome que encima estas linhas é o do correspondente commercial do *Jornal do Brasil*, Fernando Victor Mendes de Almeida, primo do director do jornal. Inteligencia culta, valor que a modestia realça, caracter sem mancha, foi pela direcção do *Jornal do Brasil* encarregado d'esta especial collaboração, que foi preencher uma lacuna na importante folha do Rio. As suas correspondencias põem o Brasil ao corrente de todo o movimento commercial do reino e são avidamente lidas.

CELSE HERMINIO

(CORRESPONDENTE ARTISTICO)

QUEM o não conhece? Artista de raça, caricaturista *pur sang*, depois de ter fundado muitos jornais, collaborado n'outros tantos, deixando por toda a parte os traços vivos de um fino espirito de humorista, Celso Herminio acompanhou o dr. Fernando Mendes de Lisboa para o Rio de Janeiro, e ainda hoje se conservaria na grande cidade se uma nostalgia feroz o não obrigasse a voltar para Portugal.

Durante o tempo que lá se demorou, o seu talento e o seu caracter attrahiram-lhe sympathias publicas, e as paginas do *Jornal do Brasil* diariamente illustradas pelo seu lapis consagraram-lhe o nome de artista.

A convite do dr. Fernando Mendes, é hoje Celso Herminio o correspondente artistico, em Portugal, do *Jornal do Brasil*.

JAYME VICTOR

(CORRESPONDENTE LITTERARIO)

DESDE a fundação do *Jornal do Brasil* é o seu correspondente litterario.



Celso Herminio
(Correspondente artistico)



Fernando Victor Mendes
(Correspondente commercial)



Jayme Victor
(Correspondente litterario)

A cotação do externo em Londres

No decurso d'um anno, o externo consolidado portuguez, pela cotação do mercado de Londres, subiu de 18 1/2 %; capitalisava-se então ao juro de 5,33 %; representa actualmente uma collocação de dinheiro á taxa de cerca de 3,75 %. Todavia, ha um anno, o preço do dinheiro em Londres era sensivelmente inferior ao actual; o consolidado inglez valia naquelle epocha 111 3/16 % e cota-se ao presente a 108 3/16 %. Comprar o externo portuguez a 27 %, reduzido de dois terços no juro, equivale a valorisar a 81 % o antigo fundo antes da desastrosa explosão da crise de 1891. Tal preço nunca alle attingira. Nos melhores momentos de 1889 roçou pelos 70 %; fagittivamente. Uma alta de nove pontos, n'um anno, sobre um fundo de juro infimo, reduzido violentamente sob o imperio da necessidade inadiavel, e envolvido durante este mesmo periodo nas ligaduras apertadas d'um convenio em discussão, uma alta progressiva, constante, apenas com as inflexões normaes ás variantes do mercado, é um facta bastante notavel para merecer o estudo reflexivo dos que se occupam de assumptos financeiros. Deve notar-se, para correção do dizer, que o preço de 18 1/2 % do externo, em junho de 1888, era um minimo na curva das cotações. Desde junho de 1896, o externo ia perdendo em Londres de valor, n'uma queda gradual, mez a mez, de 27 1/2, a 18 1/2 %, passando em abril de 1898 pelo minimo de 16 %; mas, de então para cá, a melhoria é progressiva e constante. Para o consolidado interno, para as inscrições, a alta é mais modesta durante o mesmo periodo de comparação: sobem de 29,80 a 32,80; apenas tres pontos; capitalisam-se ao juro de 6,40 %. Como não posso dispor de longo espaço, prescindo de identicas e curiosas comparações com os fundos amortisaveis, tanto internos como externos, e em referencia a outros valores que, pela sua natureza privilegiada, como as obrigações dos tabacos, pela sua situação excepcional, como as obrigações da companhia real, ou pela segurança de collocação, como os titulos do credito predial, constituem elementos de informação, indispensavel a uma minuciosa analyse do mercado de fundos.

Basta-me, para o fim proposto, fixar a cotação do externo perpetuo, excellente como medida do credito publico, se por ella podesse ser aferido o melhor se pode comparar a uma indicação barometrica, que mesmo nas pressões elevadas, quando rapidas e bruscas, não garante um tempo seguro e bom. Em todo o caso, pelo estudo das cotações do externo portuguez no mercado de Londres, desde 1892, averigua-se que, exceptuando o periodo de depressão apontado, e tomando em conta os acrescimos de rendimento provenientes da partilha nas receitas alfandegarias, o valor do fundo externo tem obtido uma apreciação mais vantajosa e lisongeira da que lograva alcançar em epocha de pagamento integral de juro, de circulação metálica, e de rendimentos ao par. Resulta, portanto, das relações entre os estreitos limites dos *gold points* de aparente prosperidade livre-cambista. Liquidada a perda de capital pela suspensão parcial do juro, os mercados estrangeiros cotam em melhor conceito o nosso fundo. Parece um paradoxo e todavia é uma realidade. Ainda mais, affigura-se-me que têm razão. Para que um fundo aproveite da tendencia economica geral á baixa dos lucros ou á do juro, carece de oferecer completa segurança na conservação do capital empregado, facilidade de realisação pela multiplicidade do mercado, taxa de renda sufficiente, parcel regularmente nos seus vencimentos e em numerosos *quicks*. Com estes elementos, um fundo qualquer tende sempre a conservar um preço elevado. Em regra geral, a grande maioria do publico financeiro mantém-se invariavelmente á alta; por isso mesmo, os movimentos d'esta são mais lentos, persistentes e prolongados, enquanto que as oscillações de baixa são violentas, mais rapidas e passageiras.

É a tendencia fundamental, sem esquecer que o simples acaso, o espirito de especulação habili, a força do capital, as manobras de bolsa, os *rigs* e os *corner*, e o trabalho dos especulantes, a influencia pessoal dos homens de negocio exercem ação por vezes predominante, e interferem poderosamente n'um dado momento e perante uma situação accidental. Mas reune o nosso externo as condições necessarias á valorisação progressiva que tem experimentado? Quanto ao seu valor intrinseco, certo é que melhor apreciado tem sido actualmente do que antes da crise. Foi esta um meio infeliz e desastroso para os mercados estrangeiros inquierirem do activo do paiz, dos bens possuidos em recursos de trabalho, sua situação economica nas liquidações internacionaes, e em colonias appeteciveis; mas esse inquirer, essa informação minuciosa, esse computo fez-se, e generalisou-se nos paizes credores e nos centros financeiros. Simultaneamente, a ambição politica dos estados reviu a extensão dos dominios portuguezes, no proprio momento em que a energia excepcional da nossa raça se affirmava, em feitos valerosos nas campanhas d'África que percurtiam longe e bem alto. A cruz d'Águia Vermelha, pregada pelas mãos do imperador d'Allesoal: distinguindo o feto militar em Africa, reconhece-lhe a um tempo o alcance nacional. Evidenciou-se um valor latente e consequentemente o fundo portuguez foi illuminado pela reflexão d'estes factos. E' sem duvida um dos mais curiosos phenomenos dos mercados financeiros este acrescimo tão raro de capital que nasce d'uma idéa, d'uma opinião, d'uma concepção immaterial, transformado depois effectivamente, nos escriptorios dos correctores, em moeda, em ouro, pela venda do titulo valorizado.

Reconhecida a melhor qualidade das garantias existentes, os bens representativos do titulo de credito, para que a sua segurança

seja completa é preciso haver pelo menos convicção na sua estabilidade, e na sua conservação. Ora, não sendo absolutamente desenhincadas da finança as secretas combinações das chancellarias liquidadoras, a simples apreciação de que era garantida pelo interesse reciproco das potencias a integridade dos dominios portuguezes ou era apoiado a paz fortemente n'uma alliança secular — que tomará a peito os negocios e interesses de Portugal e de todos os seus dominios, e o defenderá como a propria Inglaterra com as suas maiores forças por mar e por terra, — na phrase de 1661, ha pouco recordada na gazeta official londrinsa — e em ambos os casos melhor vigiado pela cubra d'uns e pelo cuidado d'outros que não foram pagos do juro integral, aquella apreciação consolida por si só nos mercados estrangeiros o credito do externo portuguez. São razões de alta ou de melhoria do preço cotado, independentes da situação economica interna, quer do paiz, quer do estado, na balança internacional ou no orçamento publico; porém são razões activas, de influencia decisiva. Concorrentemente, as negociações prolongadas d'um novo *arrigo* com os credores, espontaneamente offerecido por propostas parlamentares, com definição de recitas affectadas ao serviço da divida, fixação de limites d'encargos, manifesto desejo de liquidar o vestigio de um desastre, tem feito scintillar por vezes a esperança d'uma garantia mais effectiva do que a confiança no cumprimento de promessas solemnes; mas simultaneamente, estas mesmas negociações tem dado ensejo a melhores e mais justas apreciações da honorabilidade geral do paiz, dos sacrificios e dos recursos de que elle é capaz e de que dispõe para manter a sua dignidade nacional. D'estes exemplos abunda a historia da actual crise economica e financeira. E quem sabe quantos momentos houve em que se poderá ter recordado as celebres palavras de Lord Salisbury, ministro então do *Foreign-office*, em resposta aos reclamantes portadores de fundos turcos: — "Confesso-vos francamente que se tivesse missão de aconselhar a Porta, dir-lhe ia o seguinte: Para o momento, não pagueis juro algum; nem aos portadores de titulos, nem aos banqueiros de Galata. O primeiro emprego a fazer do rendimento d'um paiz é applical-o á administração e ao governo. Assegure a ordem e a paz, sem as quaes não ha prosperidade. Mais tarde, quando tiverdes os meios de tratar equitativamente os vossos credores, useis d'elles em seu proveito, tendo conta severa dos seus direitos respectivos e da prioridade dos juros. —

Outro tem sido o procedimento da nação, e bem outra tem sido a orientação dos seus governos. Alguns factos administrativos ha aos quaes, embora de apparente significação minima, attribuo ação impulsiva no movimento de melhoria de cotação do externo portuguez. E não me esqueço a critica feita á nossa politica em causas luteis não foram, sem duvida as dimensões do nariz de Cleopatra que transformaram a face da terra; mas, sobretudo em boisa, encontra-se muitas vezes uma influencia poderosa ser exercida por uma simples causa pequenina e infima. Assim o decreto de 9 de dezembro de 1898, mandando, a partir de Janeiro do corrente, aos thesoureiros das alfandegas de Lisboa e do Porto a entrega diaria de parte fixa das suas receitas ao Banco de Portugal para credito directo da conta de deposito da Junta de Credito Publico, o que se tem effectuado, exerceu a meu ver, uma benéfica influencia na cotação. Demonstra um primeiro cuidado na separação das receitas affectas ao serviço da divida, accumulam-se os duodécimos sem esforço, publicam-se no estrangeiro existencias em deposito correlativas aos encargos certos, facilitam-se as successivas transferencias de fundos, regularisando por meio dos concursos amudados o mercado cambial, não se avolumam nas vesperas do vencimento do coupon as procuras de recursos para comprar as cambias entreo impresciveis, evita-se uma dupla acção depressiva sobre o mercado; emfim d'aquelle simples decreto se deduzem consequencias benéficas n'um indefinido encadeamento de factos. Outra causa, mais apparente, mais visivel, actua sobre o mercado do externo, segundo o meu modo de ver — a deliberação experimentada de não recorrer, excepto feita de casos extraordinarios, aos augmentos de circulação fiduciaria inconvertivel e representativa de fundos publicos, impossivel de collocar rapidamente, para fazer face ás despesas correntes da administração publica. Tem esta orientação governativa, de sua essencia excellente, necessidade de ser tem effectiva e de ser completada por providencias de outra ordem e d'outro alcance que talvez não seja difficil ordenar nem promover. Entretanto, como tem sido possível mantel-a na pratica, pôdever-se acção tem exercido para ajudar o melhor conceito nos mercados estrangeiros do valor de fundo portuguez.

Resta sem duvida muito a fazer na administração interna para consolidar a apreciação optimista do mercado de Londres, cotando em alta progressiva, a 80 %, na paridade ao antigo fundo, o actual externo perpetuo. Mas a generalisação do conhecimento das condições de credito e de ser completada por providencias de outra ordem e d'outro alcance que talvez não seja difficil ordenar nem promover. Entretanto, como tem sido possível mantel-a na pratica, pôdever-se acção tem exercido para ajudar o melhor conceito nos mercados estrangeiros do valor de fundo portuguez.

Resta sem duvida muito a fazer na administração interna para consolidar a apreciação optimista do mercado de Londres, cotando em alta progressiva, a 80 %, na paridade ao antigo fundo, o actual externo perpetuo. Mas a generalisação do conhecimento das condições de credito e de ser completada por providencias de outra ordem e d'outro alcance que talvez não seja difficil ordenar nem promover. Entretanto, como tem sido possível mantel-a na pratica, pôdever-se acção tem exercido para ajudar o melhor conceito nos mercados estrangeiros do valor de fundo portuguez.

Rosa Bonheur

A ARTE, envolto nos crepes luctuosos da dôr, inclina-se chorando sobre o tumulo de uma das suas filhas mais dilectas.

Morreu Rosa Bonheur, essa boa e sympathica velhinha de setenta e oito annos, que passou a vida a encher com a gloria do seu nome a bella fama da França artistica.

França de nascimento, pertencia, porém, ao mundo inteiro por esse cosmopolitismo da Arte que não tem patria.



Rosa Bonheur

De baixa e humilde origem, a pintura foi lhe sempre, desde a infancia, a sua constante attracção, o seu dourado sonho.

Quizeram fazê-la costureira para com o producto do seu modesto trabalho auxiliar as despesas do pobre *ménage* paterno.

Reagiu porém, e deixou-se levar pelo seu ideal supremo, n'esse estado hipnotico das grandes vocações artisticas. E todos os dias lá ia para as salas do Louvre copiar os quadros notaveis, e a venda d'essas copias, facil e procurada, provava aos paes que os pinceis rendiam muito mais que as agulhas.

Aos vinte e tres annos, em 1843, expunha pela primeira vez no *Salon*, e, embora não obtivesse premio, todos os entendidos perceberam que estava ali o esboço d'uma artista de raça.

Tres annos depois era-lhe conferida uma medalha de terceira classe pelo seu quadro: *Os bois rastos de Cantal*.

Rosa Bonheur revelava-se pintora animalista por excellencia, sem duvida a melhor da Europa.

Os seus quadros de gatos — os seus animaes preferidos — renderam lhe não só quantias importantissimas mas tambem os mais honrosos e admirativos elogios.

A familia *Angora*, foi um quadro que produziu no *Salon* extraordinaria sensação.

Nada de mais encantador, de mais gracioso, de mais bem observado e natural, do que a expressão profundamente accentuada da alegria e desvanecimento da gata mãe contemplando os quatro filhitos a brincar, com aquelle modo attencioso e scismador de todos os felinos.

Depois pintou muitos outros, que eram disputados a peso de ouro pelos amadores francezes, inglezes e americanos, sendo estes ultimos os mais fervorosos admiradores do talento da grande artista.

Labourage mienais, uma tela magnifica premiada no *Salon*, foi adquirida pelo Estado e faz hoje parte da galeria do Luxemburgo; e *Le troupeau de moutons* tambem comprada pelo Estado, pertence ao museu de Blois.

O seu melhor quadro, o primeiro d'entre todos considerado pela critica e pelos mestres como uma verdadeira obra prima, é o intitulado *Four aux chevaux*.

Vendido primitivamente por quarenta mil francos, foi mais tarde comprado pelo celebre archi-millionario americano J. Gould por trezentos mil!

Se o dinheiro, e *vil metal* dos poetas, pôde de alguma forma traduzir em dadas circumstancias a justa recompensa do talento, Rosa Bonheur foi por elle largamente recompensada, pois que todos os seus quadros eram sempre disputados por sommas fabulosas.

O Estado, como a França costuma proceder para com os seus artistas notaveis, não se esqueceu de a glorificar.

Em 1867, por occasião da Exposição Universal, a imperatriz Eugenia, que era uma das suas mais estrenuas admiradoras, concedeu-lhe a com o grau de cavalleiro da Legião de Honra.

Esta cerimonia tocante revestiu um fausto e uma imponencia que emocionaram vivamente o caracter impressionavel dos parisienses. Em 1893 — tinha ella então setenta e dois annos — o presidente da Republica, Sadi Carnot, elevou-a ao effluvio da ordem. Era a unica mulher que, desde a fundação da Legião de Honra até hoje, possuia esse grau.

Tambem as demais nações lhe honraram a sublimidade do seu genio artistico conferindo-lhe as mais honrosas distincções.

Portugal agradeceu-a com o habito de S. Thiago.

Como todas as mulheres de talento fóra do vulgar, Rosa Bonheur era uma excentrica.

Na sua opulenta propriedade de By, perto de Fontainebleau, onde diariamente a visitavam os primeiros artistas, aristocratas, jornalistas, poetas, romancistas e argentarios do mundo, andava vestida de homem.

E a natureza sempre caprichosa, completava-lhe esta predilecção pelo masculinismo, dando-lhe uma phisionomia singular e rara que, sem possuir um só traço da delicada belleza feminina, a fazia parecer realmente um homem.

Dotada de organisação excepcionalmente robusta, nunca esteve doente e trabalhou até a vespera da morte!

Affavel no trato, era caritativa e piedosa.

A conversação sempre animada e finissima tinha todas as delicadezas e gratidades do espirito gauez.

O grande Delacroix consagrava-lhe uma veneração extrema, e Pavis de Chavannes considerava-a uma das mais justas glorias da França artistica.

Solteira *enragé*, não consta que o seu coração alguma vez houvesse sentido as luminosas vibrações do amor.

Nascida para a Arte, viveu para a Arte, e trabalhando, morreu quasi octogenaria. Coberta de gloria, de fortuna e de honrarias na sua remota e elegante casinha de By, entre as caricias dos seus gatos animados, que foram sempre os unicos amores de toda a sua longa existencia!

O GENERAL GALLIÉNI

É o segundo heroe de que a França se orgulha actualmente, heroe tão authentic e celebrado como Marchand. Batalhador intemerato das campanhas do Soudan, foi o escolhido para firmar definitivamente a preponderancia franceza na ilha de Madagascar.

Os malgaches estavam irrequietos e civilizados de mais. Não só attentaram

contra a vida dos cidadãos francezes residentes na ilha, como formaram conspirações palacianas destinadas a esse massacre cruel de que foram victimas varias auctoridades d'aquella nacionalidade.

Tornava-se necessario e urgente dar um exemplo rigoroso que impressionasse o animo dos malgaches. Galliéni foi o escolhido para tornar practico esse exemplo. Assim, a rainha Ranavaloo foi deposta e enviada para França, e os seus ministros enforcados.

Galliéni proclamou o protectorado effectivo da França em toda a ilha, tomou conta da administração politica, civil e militar, reorganizou as finanças, extinguiu todos os focos insurreccionistas, exilou os chefes menos importantes dos revoltosos, fuzilou os que inspiravam mais recios e possuíam maior prestigio, e sujeitando os soldados do seu commando a rudes trabalhos, procurava ao mesmo tempo recompensar e premiar todos os que se distinguiram no cumprimento do dever.

Assim pacificada, pois d'outra maneira essa pacificação fora sempre impossivel, a ilha tem prosperado, e constitue hoje uma das mais ricas e importantes colonias da França.

De volta á patria, o illustre official tem sido muito festejado, não faltando quem queira vêr n'elle, como agora é moda, o sabre que podia cortar todas as excrecencias da actual politica franceza e conduzir a França a esse glorioso templo da «Paz Victoriosa» que é o sonho menos realisavel que pôde ter qualquer francez. Parece porém que os *militaristas* temem que escolher outro alvo, porque, Galliéni, como Marchand, não é politico, mas simplesmente um soldado francez cumpridor dos seus deveres e defensor disciplinado dos interesses da sua patria.



O general Galliéni

FABRICA DE FAIANÇAS—BORDALLO PINHEIRO—DAS CALDAS DA RAINHA



Rafael Bordallo Pinheiro



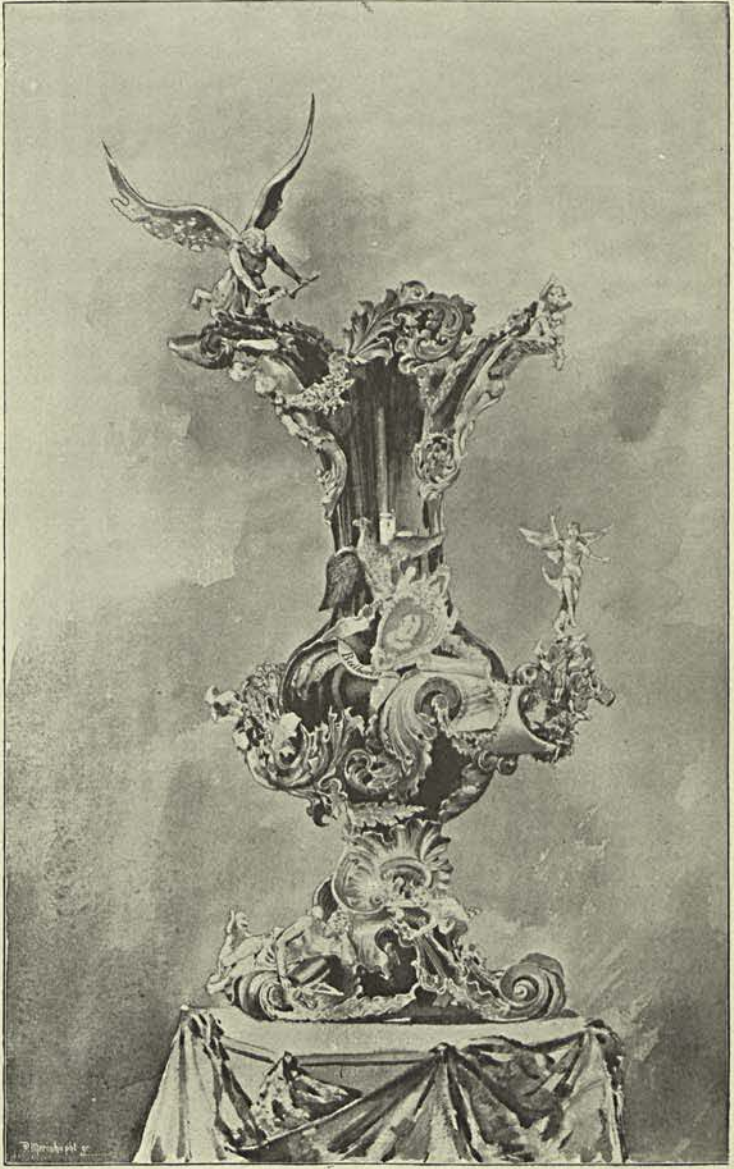
Casa da habitação de Bordallo Pinheiro



Deposito de faianças



Deposito - visto de frente



Jarra-Beethoven

Carta de Paris

Do "Boulevard"

O encantador hippodromo de Auteuil, garridamente instalado no meio do frondoso arvoredo do Bosque de Bolonha, com as suas pistas correctas, as suas verdes pelonas alegradas pela folhagem primaveral, constitue o mais bello scenario que se possa desejar para uma festa mundanamente sportiva ou sportivamente mundana.

Por outro lado, o dia do grande *Steeple-Chase*, collocado entre o do *Derby* de Chantilly e o do *Grand-Prix* do Bosque de Bolonha, de que elle é como que o ensaio geral, tem igualmente o duplo caracter de acontecimento sportivo e mundano.

Nunca, até aqui, perdeu este caracter. Mas nós vivemos em tempos estranhamente perturbados, e, pela primeira vez, o *Steeple-Chase* d'Auteuil foi o theatro de scenas que lembram antes a grosseria habitual das reuniões politicas ordinarias, do que o tom de bom humor e de boa companhia que é de tradição nas reuniões sportivas.

A politica, a hedionda politica, invadiu mesmo os centros da elegancia do smart parisienne. Os deploráveis incidentes que se deram em Auteuil, o brutal ataque dirigido contra a pessoa do presidente da Republica por um dos mais notaveis *clubmen* de Paris, foram obra da maldita politiquês!

E o dia, começado sob os mais agradáveis auspícios, continuado de maneira assaz feliz pela victoria de Tancarville. — o cavallo francez que triumphou dos teniveis representantes anglo-saxões, — teria findado o mais agradável do mundo, se a senhora politica não tivesse vindo lançar um pómo de discordia no meio da brilhante reunião.

A noticia do attentado contra o sr. Loubet assombrou a França e creio mesmo que o universo. Ella não me surpreendeu porém, a mim. Vir-me-hiam dizer amanhã que o sr. Charles Dupuy se fez ermita, que o sr. Méline raptou o bella Otero e que o archiepiscopo d'Aria debata nas *Villes-Bergères*... nada d'isto me surprenderia, tantas coisas tenho visto nesta immensa Babilonia moderna!

Assim, por exemplo, os adversarios da revisião Dreyfus, que não ha muito ainda, quando o parlamento francez, para os tranquillizar, commettera o attentado juridico de arrearçar á Camara Criminal o julgamento do seu proprio inquirido para o deferir a todas as seções reunidas do Supremo Tribunal, haviam declarado que, confiantes n'este venerando tribunal, se submettiam antecipadamente á sua decisão, *quelque qu'elle fosse*, cobrem hoje de injurias todos os membros d'esse mesmo tribunal, como antes haviam feito á Camara Criminal de Cassação!

Mesmo os conselheiros que mais acariaciados eram pelos anti-revisionistas e cujas altas virtudes e rara imparcialidade eram por estes cantadas em todos os tons, não escapam ás investivas dos revoltados, pois que elles votaram a revisião do processo Dreyfus com os seus collegas.

Vejam que ideia estes senhores fazem da justiça, e que justiça lhes seria precisa, visto que não se inclinam perante a opinião unanime de juizes de uma probidade e de uma lealdade até então incontestadas!...

Como querem pois que a gente aqui se admire do que quer que seja, mesmo da mais absurda das anomalias?

E o melhor é que assistimos aqui ao extranho espectáculo de vermos os socialistas defenderem as decisões da magistratura e pregarão a disciplina no exercito, emquanto pretendidos conservadores se conduzem como revolucionarios, como anarchistas, como mal educados.

Porque foram as gentes conservadoras, os depositarios das velhas tradições da galanteria franceza, que fizeram o escandaloso de Auteuil, recebendo o assobio o chefe do seu paiz, chegando mesmo um d'elles a levantar uma bengalia sobre o presidente da Republica; este bello gesto foi-lhe inspirado sem duvida pela visinhança das cochinetas; condemnaram-no ao calabouço em companhia d'outros elegantes cidadãos, e no dia seguinte poseram todos á disposição do juiz que lhes está instaurando o processo.

Não sei o que o jury fará dos *noires* chefes da *bernarda* sportiva, um dos quaes, como fica dito, amachouco *amavelmente* o chapéu do chefe de Estado em presença dos embaixadores estrangeiros. Eu confesso que, se fosse francez e jurado, condemnaria severamente o *feliz* auctor do grosseiro attentado.

E isto por varias razões. Primeiramente, porque elle demonstrou aos olhos do publico de Paris, da França, e do mundo inteiro, que o primeiro magistrado da Republica estava á mercê dos elegantes frequentadores do *Restaurant Maxims*. Depois, porque, como francez, sentir-me-hia humilhado ao pensar que basta que qualquer *clubman* embeirre com o chefe de Estado, para que este não possa mais exhibir impune um *oitto reflexos* em publico. E sentir-me-hia humilhado ao pensar no embaraço em que se deveriam ter encontrado as potencias estrangeiras para felicitarem o chefe de Estado de ter escapado a umas bengalias!...

Porque eu pertenço ao numero dos que preferem as represalias de sangue ás represalias de lama.

E a proposito, lembra-me uma bella historia de Léon Cladel, em que elle conta, de um tigre, de que nenhum domador pudera até então approximar-se, se submetteu docilmente a um garçõ que osonou levar a sua impertinencia até lhe ferrar um bom pontapé!

Eu não quereria que a Republica franceza fosse submettida á mesma prova, não só pessoalmente por ella, com quem muito sympathizo, mas tambem pelas potencias estrangeiras e sobretudo pela historia da França.

Estes deploráveis incidentes, engrassados pelo telegrapho, fazem com que o estrangeiro que desembarca em Paris pela primeira vez, tenha a apprehensão de cair em cheio n'uma cidade revolvida de alto a baixo pela questão Dreyfus e suas consequencias — a *bernarda* d'Auteuil é uma d'estas.

E na sua ingenuidade imagina que no hotel, nos salões, no theatro, no restaurante, nos *boulevards*, não ouvirá falar senão da *questão*, que terá de se precaver nas ruas contra as cargas de cavallaria, a que verá flammear nas esquinas a proclamação do estado de sitio.

Ora, nas paredes não se vêem senão cartazes d'espectaculos e *réclames* de toda a especie de industrias. Em volta do visitante Paris agita-se e passa em omnibus, em tramvais, em *teuf-teuf*, em faocres e a pé. Entra-se e sae-se; cafés, theatros, igrejas, escriptorios e lojas enchem-se e desertam-se constantemente. Anda-se, corre-se, discute-se, ri-se, parece pensar-se em tudo menos na *questão*, e quando emfim esta palavra fere o ouvido do visitante, este constata que em Paris não se fala mais d'ella do que das Corridas, da Exposição, do Hamlet, da reabertura do Circo de Verão, de uma das mil coisas emfim da vida parisienne.

Ha cerca de sete annos, tinha eu vindo a Paris, como de costume em outros annos, para esquecer durante um bom mez a *Momaco* e o *Martinho*, quando uma bella manhã recebi um telegramma de minha familia perguntando-me, ansiosa, se eu estava ainda vivo. Surpreso, respondi que estava bom e que me divertia bem. Qual era o motivo do telegramma?... O que é que tinha acontecido?...

Só á noite é que tive a chave do enigma, quando soube que, na rua dos Bons-Enfants, os anarchistas haviam feito saltar pelos ares um posto de policia!

A pessoa que me havia telegraphado, sobre a fé das noticias publicadas nos jornaes de Lisboa, julgou que se estava aqui no meio de um incendio geral, provocado pelo dynamite, que a multidão aterrada assaltava as *gares* para fugir, e que a guarda republicana carregava a fundo em todas as ruas. E eu, que estava hospedado nas visinhanças do sinistro, só por acaso tive conhecimento d'elle, graças ao meu barbeiro, que m'o contou emquanto me friccionava o cabelo.

E assim é tudo, mesmo as coisas mais dramaticas! Este povo parisienne tem já visto tanto, que se agita mais do que se emociona. Em um só seculo, elle viu passar duas vezes sobre a sua frente o esplendor e a sombra da agulha imperial, quebrou duas vezes o sceptro dos seus reis, cobriu-se por duas vezes com o barrete phrygio. E este povo que, depois de uma guerra tragica como a conjungão de um gigante cujo fim se desejava, depois de ter pago os seus erros politicos com o sangue e com o ouro dos seus filhos, se levantou tão alto de uma tão profunda queda que nos apparece verdadeiramente imperecivel no seu futuro e que, como a salamandra do seu rei François 1.^o, pode dizer:

"Je suis de feu et ne me consume!"

O tempo passa em Paris mais depressa do que em qualquer outra parte. O presente é já o passado, hontem é já da historia.

O resto do mundo, que vive longe do movimento febril d'esta grande cidade, procura ainda conhecer através dos seus livros, dos seus jornaes, a sua lingua tão ligeira, de tão maleáveis evoluções.

O livro e o jornal de Paris toem por mercado o mundo inteiro. De Balzac e Flaubert a Zola e Anatole France, de Alfred Musset e Victor Hugo a Edmond Rostand e Paul Hervieu, cada um pensa e chora com a alma franceza.

Quando o estrangeiro diz *Paris*, é, para elle, como se tivesse dito, o mundo.

SILVIA LISBOA.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

MAS uma vez, n'um impeto nevrotico do seu temperamento inquieto tão sensível arrebatado como os vóos da sua genial intelligencia, Raphael Bordallo o nosso consagrado artista, ainda hoje e talvez por muito tempo o primeiro entre todos, partiu para o Brasil em companhia da sua obra mais dilecta e mais brilhante a *Jarra Beethoven* que os leitores do *Brasil-Portugal* podem hoje admirar na gravura que d'ella publicamos.

Raphael Bordallo, nome laureado e conhecido em todo o mundo da Arte, nome que nos honra e nos envidae, vai expor no Brasil a admiração dos nossos compatriotas e dos naturacs do paiz, o seu mais importante trabalho, aquelle onde a sua larga e indiscindida inspiração passeiou á vontade e sem constrangimentos pelas extensas e floridas aventuras da mais caprichosa phantasia.

Bordallo adora esta obra na qual collocou todas as delicadezas e oelencias da sua alma de artista.

E lá como cá, é certo que elle hade encontrar a confirmação de quanto é estimado e do apreço em que é tido o seu grande e brilhante talento.

O *Brasil-Portugal* onde tantos artistas do lapis e da penna toem honra as suas paginas, não poderia ser estranho á partida de Bordallo, e a melhor maneira de prestar ao mestre a devida homenagem, foi esta, de lhe publicar a gravura da sua obra querida, e pequenos detalhes da casa onde elle a produziu durante longas horas de paciencia e de caprichosa inspiração.



Uma partida de *lawn-tenis* no club de Carcavelos
(A' frente do grupo d'estes distinctos sportmen vê-se Sua Magestade El-Rei e o Sr. Inante D. Afonso)

O theatro moderno dos scandinavos

II

Quasi totalidade das creações dramaticas d'este seculo, e muitas do immediato, escriptas em geral por professores das universidades e escolas, além da parte recreativa, miravam a moralisar e instruir os alumnos, que tinham parte nas representações como actores, ou assistiam a ellas dos seus bancos de estudo. Aquellas circumstancias especiaes limitavam, porém, a escolha do assumpto, — ordinariamente biblico, allegorico, ou extrahido das vidas dos santos, — e forçavam a forma, que mais era epica que dramatica.

A acção, despidida de interesse, desliza monotona entre personagens mal caracterizados, movendo-se quasi automaticamente, sem justificação alguma.

Os raros auctores dramaticos que investiram contra a rotina das comedias escolares, careciam de vigor para a subjugar; até que, em principios do seculo xvii, um pequeno grupo de cabeças laureadas em outros generos litterarios, escudado pelo prestigio, conseguiu levar-a de vencida. Esses insurgentes chamavam-se: Jorge Stjernhjelm, Johann e Arnold Messenius, e Magnus Asteropherus.

Os *cortejos*, bailados allegoricos e entremezes com musica, de que era auctor Jorge Stjernhjelm, tão graciosos de invenção como puros na linguagem, levaram a cabo desthronar as taes comedias e dramas, occupando o logar que até então lhes era destinado nas festas da corte. Estes bailados além do canto e da parte coreographica, eram entrecortados, ás vezes, por dialogos em prosa ou verso. Approximavam-se das nossas *chacotas*, e foram talvez o germen da futura opera. O *Fangne Cupido* (Cupido preso) d'este auctor, e *Acis og Galathea* de Dalin, que são, na verdade, duas obras notáveis para a epocha em que foram escriptas.

O seculo xvii terminou, na Suecia, com uma innovação que, embora concorresse para o aperfeçoamento da arte dramatica, dando o golpe mortal nas comedias escolares, oppoz novo obstaculo ao desenvolvimento do theatro nacional. Referimo-nos á introdução do drama classico francez e da sua escola, cuja preponderancia se tornou esmagadora até meado do seculo xviii, — quando as comedias de Holberg deram entrada no theatro sueco, e ainda se conservou preponderante depois de Gustavo III haver fundado a Academia (*Svenska Akademien*) pelos moldes da de Paris.

O seculo *gustaviano* assignala um periodo brilhante na historia da litteratura e do theatro sueco; o proprio monarcha foi, n'aquella epocha, o primeiro dramaturgo do seu paiz. Os principaes dramas de Gustavo III ainda hoje conservam incontestavel valor litterario, e até scenico; *Ebba Brahe* e *Gustav Wasa* são obras primas em todos os tempos e em todas as litteraturas.

Gustavo III, não obstante a sua predilecção por tudo o que era francez, devido ao convívio da rainha mãe, ás lições de Dalin e á permanencia em Paris durante alguns annos de adolescencia fundou um theatro nacional em Stockolmo, para substituir o francez, e vinculou a lingua sueca na sociedade elegante e na corte, que só falavam o idioma de Corneille. Foi, porém, Thomaz Thorild quem primeiro se empenhou na lucta (como diria o nosso Filinto):

contra o francez, egre,
que nos gela.

lucta ferida mais tarde com bravura, nos periodicos *Poliphem* e *Phosphorus*, sob o commando de Hammerskold.

FREYRAS BRANCO.



O commandante Marchand

THEATROS

Dois theatros estão agora aqui fazendo palpáveis interesses, e promettem atravessar n'esse sentido vantajosamente o verão: o Colyseu dos Recreios e a Trindade.

No primeiro, a excellentissima troupe Giovanini continua atrahindo uma concorrência perfeitamente fóra do normal, e como raro n'aquella vastíssima sala se tem visto, mesmo com o estímulo das mais picantes curiosidades e nas epochas mais de rigor favoráveis ao theatro. De resto, a companhia merece-o bem, porque toda ella, e mais em especial o seu naipe de artistas de opera lyrica, dispõe de sobrados recursos para lisonjear o agrado e captar delicadamente a attenção do publico.

Na Trindade, é de saber que se estrejou a companhia organizada por Affonso Taveira, um emprehendedor *double* d'um artista, e que, em summa, todos ahi reconhecem e admiram como sendo uma das mais habéis, felizes, arrojadas e completas organizações de emprehendor que se possa imaginar. A companhia estrejou-se com o *Ali-Baba*, apparatusa pecca constituindo pretexto para algumas d'estas fêricas exhibições e largos desdobramentos plasticos, que tão laboriosamente galvanizam e aquecem as plateias. Foi portanto essa estreia, a mais não poder ser, auspiciosa, tanto mais que o desempenho cabe a artistas como Angela Pinto, Theresza Aço, Carmen, Rosa Paes; e a difficil missão da batuta está a cuidado do pulso nervoso, vibratil, de Cyriaco de Cardoso.

O Cyriaco, a Angela... Que de saudosas e gratas recordações n'estes dois nomes! quanta querida e commovente, quanta entusiasta evocação se nos ergue na alma de todos nós, portuguezes, junta com as luminosas figuras d'esses dois estreitados artistas a quem o theatro portuguez tanto deve! que com o sagrado fogo do seu estro e o resgado *elan* do seu exemplo tão vantajosamente hão concorrido para o afinamento e o progresso da Arte nacional!

Cyriaco, o alegre e bom Cyriaco, todos o conhecem, com o seu grande ar bonacheirão, vagamente distraído sempre, sempre o que quer que seja de etherizado a chamal-o alto para os intermundos ideias da phantasia... e ao mesmo tempo attencioso, loquaz, affavel, os dedos irrequietos bedelhando no bigode, e dois pequeninos olhos ironicos invariavelmente luzindo na face aberta e redonda. Conhecem-n'o todos, porque elle se fez popular a poder de videntismo e talento. Creou, pôde-se bem dizer, a *operetta* nacional, — um genero que nem é o *vaudiville*, nem a *zarzuela*, que se não desconjuncta n'esses formidaveis grotescos demolidores de Offenbach, nem desce a atascar-se nas orduras galantes, nas triviaes bufonarias da canção de *boulevard*; mas antes constitue, com o seu ar melancolico e sentimental, as suas ingenuas toadas de barcarola, o seu arrastado ribaldar, amoroso e triste, o perfeito e flagrante traslado emocional da alma portugueza... antes poeticamente reveste e traduz o nosso mesmo modo de ser, os lindos romances e descaentes em que nós gememos a saulosa visionação do passado e a apavorada incerteza do futuro; tudo repassado, tudo vivendo d'esse lyrismo essencial que, conforme uma phrase feliz, que acabamos de lêr, do sr. Adolpho Portella, «é como que a doença d'alma da nossa terra».

Antes de Cyriaco, de nada d'isso tinhamos, a não ser a acanhada tentativa de bem intencionados abortos como *As Intrigas no bairro*. Cyriaco porém, com o seu raro instincto, providencialmente embebido do sentimento e da cor da musica regional, buscou a indispensavel cooperação do genio observador e da adoravel viva comica de Gervasio Lobato, e de braco dando então os dois crearam essas peças typicas, genuinamente nossas, que modeladamente hão de ficar nos annaes da etologia e da arte portugueza.

Agora com respeito a Angela Pinto... Mal a sua appareição real aqui se firmou, e era já do dominio da lenda. A dois passos ainda da sua estreia, e havia de prompto adquirido um indomável prestigio. Prestigio como de nenhum outro equal, a não ser o de Anna Pereira, résam as chronicas do nosso theatro!

Com effeito, nem os elegantes chás litterarios, dados pela Cinira, nos primeiros tempos de abordagem do seu fino e aristocratico perfil a Lisboa; nem da Mercêdes Blasco a *maquillage* abracabrante, a coma fulva e revolta de idolo cahido, nada teve n'estes ultimos annos sobre a fatigada emoção dos lisboetas o fulminante e decisivo effeito que no entusiasmismo, na admiração de todos accendeu a fulgurante appareição d'essa actriz quasi ignorada, e ao mesmo tempo segura dos mais altos manejos do *metier*, encantadora e petulante, com o seu ligeiro estrabismo de decadente, o seu ar *foqué*, o gesto arrebatado e livre, e a quando e quando tragicos arrances soluçando perdidões na sua voz quente e harmoniosa.

Foi no theatro do Principe Real, com *Os 28 dias de Clarinha*, — lembram-se? — que a estupenda revelação se fez ante os olhos de toda Lisboa deslumbrada. — Não havia então qualidade, rasgo, — Não havia então noite uma romaria seguida de intellectuaes, argentarias, janotas, politicos, titulares,

artistas rendendo á imprevisita *estrella* no seu camarim homenagem es pontanea. E ella a todos acolhia com a mesma simplicidade captivante com esta bonhomia facil dos eleitos, n'uma inalteravel modestia que lhe multiplicava o prestigio e lhe tresdobrava o valor.

Depois, passados os breves mêzes do verão, ergueu vôo e tornou ao Porto, onde tinha escriptura para o inverno seguinte. E então, depois que aqui a sua voz emudeceu, na cauda da sua passagem de meteoro, ainda mais a fama do seu enorme valor cresceu, viva agora do estímullo amargo da saudade.

— E' a nossa primeira actriz de opera-comica, viva!
— E que bellas *ingenuas* que ella daria, se quizesse...
— Está fadada, mas é para a alta comedia.

— E' tragica então! Não ha duvida... é a desolladora da Emilia das Neves! — epigonia Augusto Rosa, n'um conviccivo deslumbramento.

Era esta a *scie* de commentarios que por toda a parte se ouvia; que durante um anno inteiro perennemente se manteve na saudosa memoriação de todos. De sorte que quando, no estio seguinte, ella ahi reapareceu, — agora na Rua dos Condes, — logo correu a festejar-a a mesma calorosa onda do publico, logo o mesmo circulo de admiradores effusivamente se fechou em volta d'ella.

E então, — era curioso! — cada noite, findo o espectáculo, cá fóra, abancados ao marmore das mêsas do café, no *trottoir* da Avenida, juntavam-se sempre em incorrigivel esturdia, presidida por Angela, uma conhecida roda de escriptores e artistas. Entre elles eram certo, por exemplo, o Urbano, Silva Pinto, D. João da Camara, os Rossas, o Valle, esse sympathico bohemio, o *Pinturas*. Fallava-se de tudo, livremente, atropelladamente, ao caprichoso sabor do acaso; no vento fresco da noite os paradoxos, as graças, as aneddotas picantes estalavam e ferviam... Valia bem mais, em *espirito*, em mocidade, em independência, em vida, este improvisado *cercle de blagueurs* e crentes, que quantos pretenciosos salões têm organizado as varias *Récamiers*, mais ou menos authenticas, do presente e do passado.

O resultado era que todos cada vez com maior insistencia reclamaram a permanencia em Lisboa da Angela. Era indispensavel! Augusto Rosa offereceu-lhe escriptura para D. Maria. Não se deixou porém, — e ainda bem! — embar da deslumbradora sedução a turbulenta actriz que Lisboa agora novamente applaude, n'um entusiasmismo tanto mais gostoso, quanto o accrescenta a segurança de que a teremos por cá muito tempo.

Affonso Taveira arrendou a Trindade por um anno.

A. B.

Galeria Internacional

TYPOS DE BELLEZA



Mulher de Avintes



Angela Pinto

merito, perfeição que lhe não descobrissemos. Era cada noite uma romaria seguida de intellectuaes, argentarias, janotas, politicos, titulares,

BRASIL-PORTUGAL

Impresso na typ. da Comp. Nacional Editora
Largo do Conde de B. 50

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Editor — LUIZ ANTONIO SANCHES
Redac. e administ. — R. IVENS, 55 — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	4\$300	Anno.....	7\$000	Anno.....	8\$300
Numero avulso { (moeda brasileira).....	1\$500	6 mezes.....	4\$800	6 mezes.....	4\$500
		3 mezes.....	2\$800	Numero avulso.....	5\$500
		Numero avulso.....	2\$100		

SUMARIO

Chronica Electrica — BRASIL-PORTUGAL.
Pro patria — AVISO DA GAMA
Coloquio de Manzana — *Consel de Portugal em Fer.*
Mansbury
Santo Antonio da Lisboa.
Sonetos — LUIZ DE CARLOS
Machado.
Morta (tradução) — VAREZ DE JAYME VICTOR.
Irrantica Cardoso (poesia brasileira) — ALBERTO F. VENTURA
Galeria da Imprensa — *O Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro.
A cotacão do exterior em Londres — ADALDO DE SEIXAS.
Rosa Bonheur.
O general Gallieni.
Cafes de Paris — SILVIA LISBOA
Hafael Bordallo Pinheiro.
O theatro moderno dos scandinavos — FRUITAS BRANCO.
Theatros — ANES BOTELHO.

Paginas supplementares

Lopes de Mendonça — A terra de Santa Cruz
O numero de hoje.
O Brasil-Portugal — Lorjô Tavares no norte do Brasil.
Publicações recebidas
De que chegam
Arte de ser formosa
O fim do mundo.
Recetas.
Horas de ocio.

25 ILLUSTRAÇÕES

Lopes de Mendonça

A TERRA DE SANTA CRUZ

Romance original escripto expressamente
para o "Brasil-Portugal".

A empresa d'este Revista, que, nem um momento ainda deixou de pensar nos numerosos e escolhidos leitores que por favor tão excepcional a tem honrado e contribuido para o seu progressivo desenvolvimento, acaba de fechar contracto com o illustre dramaturgo e romancista, o brilhante official da armada portugueza sr. Lopes de Mendonça, para a publicação de um romance expressamente escripto para ser quinzenalmente distribuido a todos os assignantes e compradores do *Brasil-Portugal*. Essa distribuição será gratuita, e o romance constituirá um mimo offerecido pela empresa a todos os que tem concorrido para o exito de uma publicação que não tinha precedentes, nem tem congeneres em Portugal.

A *Terra de Santa Cruz*, o novo romance do laureado escriptor, do popularissimo auctor do *Duque de Viseu* e de tantas obras notaveis, será illustrado por artistas portuguezes, e publicado em fasciculos de 8 paginas, separadas do texto da Revista, não só para não tirarem espaço a outros assumptos, mas tambem para no fim de concluido o romance, que terá 400 paginas approximadamente, se poderem brochar e publicar em volume.

Dizer que será um romance sensacional, de igual interesse para os dois paizes, por que se liga ao descobrimento do Brasil e por que'elle apparece a figura de Pedro Alvares Cabral, dizer que tem por base de toda a acção um assassinato horrivel, que é um romance historico deveras empolgante pelo lado dramatico, pelo vigor das situações, pelos personagens que n'elle se desenvolvem, dizer que *A Terra de Santa Cruz* está destinada a um enorme successo no mundo em que se falla a

lingua portugueza, é decerto confirmar a opinião de todos os que nos lêem e que conhecem as altas facilidades de dramaturgo e de artista que caracterizam Lopes de Mendonça.

No numero immediato do *Brasil-Portugal* apparecerão os titulos dos capitulos principaes de *A Terra de Santa Cruz*, cujas primeiras oito paginas illustradas acompanharão o nosso n.º 12, de 16 de julho proximo.

O numero de hoje

Abrihanta-o, na sua primeira pagina, o retrato da gentil rainha de Portugal, a quem é consagrada a nossa *Chronica Electrica*. A primeira photographura de S. M. vem emmioldurada numa artistica vinhetta firmada por um nome feminino já muito considerado nas nossas exposições de pintura. E' o da sr.ª D. Germana Patricia Rodrigues, que a pintura das flores tem consagrado o seu fino talento. Essa vinhetta, expressamente feita para o *Brasil-Portugal* por uma gentilissima da illustre senhora, emmioldura preciosamente o retrato da formosa princesa.

Um nome por todos conhecido no mundo financeiro, o do sr. Adolfo de Seixas, o talentoso secretario do Banco de Portugal, antigo jornalista, vem pela primeira vez honrar as nossas paginas. Firma um artigo que recommendamos, pelos conhecimentos que revela e pela alta critica que exerce, a todos os que se interessam pela situação financeira do paiz.

O "Brasil-Portugal", e Lorjô Tavares no Norte do Brasil

É com o maior jubilo que registamos n'esta pagina a brilhante recepção que Lorjô Tavares teve em todo o Norte do Brasil, como se deprehe da das transcrições dos jornaes do estado de Manaós, que em seguida publicamos.

Por ellas se vê quanto o nosso querido companheiro tem trabalhado, e como o *Brasil-Portugal* é apreciado pela illustrada imprensa brasileira.

E se alguma compensação ambicionassemos para regosijo do nosso espirito e estimulo para proseguirmos no caminho encetado, esta nos bastaria como a mais animadora e honrosa de todas.

Eis a opinião dos jornaes brasileiros do norte:

Do Commercio do Amazonas, de 28 de fevereiro:

"Tem sobre a banca de trabalho o primeiro numero da revista quinzenal illustrada, que se

começou a publicar em Lisboa, no 1.º de fevereiro do corrente anno, sob o titulo *Brasil-Portugal*, e não duvidamos classificar o de esplendoroso.

O scope visado pela sua redacção é, segundo a propria phrase de que se serve, simples e curto: "tornar o Brasil conhecido em Portugal, tornar Portugal conhecido no Brasil, generalizando em cada um d'estes paizes a arte e a litteratura do outro, e tornando apreciados de ambos, os escriptores e os artistas, que na mesma lingua, rica, sonora e rhythmica, dizem o que na patria portugueza e na patria brasileira tem o sentimento de mais intenso e delicado, e a idéa de mais profundo e brilhante."

Magnifica idéa que não duvidamos ser realçada em toda a sua extensão.

O numero que temos presente insere diversos artigos escuriosamente redigidos, uns adornaes veras do sr. Conde de Monsaraz (Macedo Papança) intitulados *As Mondadeiras*, algumas quadras do poeta do amor, João de Deus, e um sentido, e como quasi todos, bem feito soneto de Olavo Billac. Traz tambem um bom artigo sobre o dr. Paes de Carvalho, outro sobre a borracha, um pequenino conto *A despedida do Verão*, de Lorjô Tavares, o inspirado auctor de *A Moura de Silves*, uma scintillante chronica *A evocação do Club*, de Moura Cabral, etc., etc.

A parte artistica é notavel pela perfeição de acabamento e pela boa escolha dos assumptos, constando de duas grandes gravuras, representando S. M. F. D. Carlos I. e a. ex.º o dr. Campos Sales outra do visconde de Almeida Garrett, e de photographuras da casa em que morreu e do tumulo em que repousa a sua osada, *Ferreira do Amaral no Rio*, do maestro Conjilio e da gentil *Adèle Marchese*, que ha pouco ainda deliciava os dilettanti do nosso primeiro theatro, um aspecto do Rio de Janeiro, apanhando parte da bahia de Botafogo e o typico Pão de Assucar, o retrato, tambem em photographura, de Ezequiel Teófilo, na *Valéria*, o *luzo de Nazareth*, no Pará, desenhos de Galhardo e Augusto Fina, e muitas outras illustrações, todas merecedoras d'encomio.

A capa, feita pelo processo de schlochromia, é primorosa e devida ao fino lapis de Roque Gameiro, cujos trabalhos, nenhum hoje entre nós desconhece.

O segundo numero promette ser ainda melhor do que este, segundo affirmam os seus redactores, pois já estarão removidas as difficuldades que assobriaram a sahida d'este.

Esta útil e agradável revista, que vem preencher uma sensivel lacuna existente entre o Brasil e Portugal, custa apenas 48\$000 réis por anno, tendo a sua administração em Lisboa, rua Ivens, 52.

De 14 de abril:

"*Brasil-Portugal*. — Recebemos hontem os n.ºs 3 e 4 d'este primoroso quinzenario illustrado. Tanto a parte litteraria como a artistica estão superiores a todas as elegias, constituindo o melhor trabalho que n'este genero temos visto."

De 5 de maio:

"Acabamos de receber e folhear o n.º 5 de 1 de abril, do magnifico quinzenario illustrado, que se publica em Lisboa, rua Ivens, 52, inti-

tuludo *Brasil-Portugal*. O numero que temos presente em nada desmerece dos anteriores, quer no trabalho artistico que é superiormente executado, quer na parte litteraria, fina e escolhida e firmada por nomes cuja reputação brilhante está feita no Brasil e na velha Metropole.

Agradecemos a remessa da primorosa revista.

De 18 de maio:

* *Colonia Portugueza*. — Como ha poucos dias ainda tivemos o prazer de noticiar, acha-se entre nós o distincto escriptor português sr. Lorjô Tavares, que ao nosso paiz vem especialmente incumbido, pela empreza de que é fundador e socio, de tratar da obtenção de assignaturas para a magnifica e sobretudo bella publicação lisbonense, intitulada — *Brasil-Portugal*.

O que esta magnifica revista é, — dissemo-lo quando, n'estas mesmas columnas, rapidamente fizemos a análise do seu primeiro e subsequentes numeros; — hoje porém, afirmando o que anteriormente escrevemos, entraremos n'outra ordem de considerações.

O fim visado pela illustre empreza de que nos vimos occupando, constitue a mais nobre, captivante e atrahente attenção para os dois paizes a que ella exclusivamente dedica a sua revista, pois é nada mais nem menos do que tornar o Brasil conhecido em Portugal e vice-versa em nossa terra, — visto que, triste é constatar esta verdade — irmãos que somos pelo sangue, pelas tradições e pela sonorous lingua que falamos, — a ignorancia mutua do que valeamos, máxime em assumptos litterarios e artisticos, é completa, absoluta.

Lacuna gravissima esta, inexplicavel quasi; e porque assim seja não se inscriza de pleonasmo estafante o vir aqui a apresentar a enormidade de serviços que a arrojada empreza do *Brasil-Portugal* nos prestará.

A bem cuidada revista, que, litterariamente, conta no numero de seus redactores e collaboradores, o que de mais selecto existe em escriptores portuguezes e brasileiros, artisticamente encardida e um *bijou* d'alto valor, um verdadeiro escriptor riquissimo e de seu merito verdense-se, em contos linaes, n'isto, que é de veras significativo: soffre valente e vantajosa confronto com trabalhos congeneres produzidos em Paris, que é hoje em dia o templo consagrado da Arte.

Convem agora notar, porque muito he sobrelevr a seu real merecimento, para portuguezes principalmente, que todo o material empregado — papel, tintas, tipos, etc., etc. — é portuguez, o que demonstra o alto grau de adiantamento a que chegou o velho reino, que, contrariamente ao que chauvinistas e mentecaptos desavairados dizem, — dia a dia affirma a pujança do seu progresso e a sua poderosa vitalidade.

Não resta duvida nenhuma que o acolhimento aqui feito ao illustre homem de letras foi justo e é promettedor de que a honrada e patriótica colonia portugueza saberá coroar bizarramente a attenção para com ella tida; é precisamente, porém, esse o ponto que mais particularmente pretendemos pôr em relevo.

São inumeraveis os obices que se oppõem ao exito d'uma empreza da ordem d'esta de que tratamos, não só pelo que de difficil e não raro insuperavel apparece na constituição e manutenção que queremos dizer, conservação d'um corpo redactorial e artistico superior a toda a critica; — mas pelos que naturalmente advém do custeio d'uma publicação d'esta importancia, que, a despeito da mais criteriosa e economica administração ha de ser sempre, forçosa e fatalmente, dispendiosissima. Posto isto, temos plena convicção de que a colonia portugueza, generosa como sempre, corresponderá pressurosa ao apello que aqui he fazemos, concorrendo para o preenchimento das listas de assignatura da famosa revista *Brasil-Portugal*. Assim mais uma vez demonstrará o muito que pode e vale o amor que dedica á terra que lhe foi berço e o interesse que assume por tudo que respeito hez a ella.

De resto, quem herdará ahí que deixe de assignar a alludida revista?

Antecipadamente damos os emboras ao nosso distincto confrade Lorjô Tavares, — saudando-o affectuosamente.

De 19 de maio:

* *Brasil-Portugal*. — Ao nosso escriptorio tem vindo diversas pessoas tomar assignaturas para esta primorosa revista illustrada portugueza e remolhas enviado ao Hotel Cassina, onde se acha hospedado o distincto escriptor Lorjô Tavares, que a esta cidade veiu expressamente angariar assignaturas para a alludida revista.

De 23 de maio:

* *Brasil-Portugal*. — O n.º 6 d'este quinzenario lis' onense correspondente a 16 de abril findo, vem mais uma vez confirmar o que a seu respeito temos dito: a ser uma publicação primorosa e inexcidível, tanto na parte litteraria como na artistica.

O numero que temos presente, além do texto artistico — litterario que é realmente valioso, — traz um magnifico retrato, em photo-gravura, do nosso correspondente litterario em Lisboa, o sr. Joaquim Leitão, — fazendo o acompanhar de um curto porém verdadeiro juizo critico.

Ao nosso amavel confrade, actualmente hospedado no Hotel de França, d'esta cidade, e que é um dos redactores e fundadores da bella revista lisbonense *Brasil-Portugal*, os nossos agradecimentos, e parabens por este numero, que é um verdadeiro triumpho e uma revelação do alto grau de adiantamento que atingiram em Portugal as artes graphicas.

Do Amazonas Commercial, de 18 de maio:

* *Brasil-Portugal*. — Tivemos o prazer de uma distincta visita por parte do jornalista portuguez sr. Lorjô Tavares, redactor da revista *Brasil-Portugal*. O que traz á nossa região o jornalista de além-mar é uma propaganda aberta em favor da já notavel publicação. N'esse commettimento, nós brasileiros que sabemos ter fidalguia aos nossos hospedes, não nos fartaremos, de certo, auxiliar quanto couber em nossas forças a util publicação que procura pôr em evidencia os dois paizes amigos, cujos destinos são ligados pelo sangue e pela historia.

A par da boa parte litteraria, o *Brasil-Portugal* traz constantemente gravuras finissimas dos nossos centros e das plagas lusitanas, assim como retratos de homens de letras e artistas de nota dos dois paizes.

A colonia portugueza aqui residente é numerosa, e deve ajudar a publicação de tão alta monta.

Acreditamos que Lorjô Tavares terá boa messe na propaganda que ora faz. São os nossos desejos ardentes, pois assim ficarão coroados os esforços e sacrificios a que são tributadas os que mourejam na republica das letras.

Do Amazonas, de 21 de maio:

* *Brasil-Portugal*. — Recebemos os quatro primeiros numeros d'esta importante revista illustrada que se publica em Portugal e da qual são directores os srs. Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares, nomes já ha muito conhecidos nas letras.

A revista *Brasil-Portugal* é uma publicação de luxo e tem por fim estreitar mais e mais os laços de fraternidade que existem entre os dois paizes, propagar a sua arte e litteratura, advogando a prosperidade da nossa industria e commercio.

Contém 16 paginas nitidamente impressas, bellissimos trechos de prosa e verso, excellentes gravuras, retratos de artistas, de vistas, allegorias, etc.

Emfim o *Brasil-Portugal* é, além de tudo, um attestado eloquente do progresso que tem tido em Portugal a arte e a industria.

Ao valente collega almejamos um porvir cheio de felicidades.

Tivemos hontem o prazer de receber a amavel visita do illustre jornalista portuguez sr. Lorjô Tavares.

S. S. veiu a esta capital incumbido de angariar assignaturas para a revista *Brasil-Portugal*, de que é fundador e um dos redactores.

Fomos mimosados por essa occasião com algumas exemplares da referida revista.

Durante o pouco tempo que commosco esteve aquelle cavalheiro, deus-nos momentos de agradável palestra, revelando fino tacto, elevação de espirito e intelligencia não vulgar, e transmitti-nos a certeza de que o seu maior intuito é tornar Portugal conhecido no Brasil e vice-versa.

Pelo adiantado da hora e por affluencia de serviço não podemos hoje dar noticia de desenvolvimento da importancia da revista portugueza, o que faremos oportunamente.

Ao illustre sr. Lorjô somos gratos á gentileza da visita que nos fez.

Do Diario de Noticias, de 18 de maio:

* *Brasil-Portugal*. — Ha dias chegou a esta cidade o illustre jornalista portuguez sr. Lorjô Tavares e tem sido merecidamente apresentado pela imprensa á sociedade amazonense, como um espirito vigoroso, servido por um grande cultivo.

A missão do distincto hospede, filho do *Jardim de beira-mar plantado*, que é para estreitar ainda mais intellectualmente os dois paizes que já se acham estreitados por um vinculo de raça, vem a ser uma simples idea de angariar assignaturas para a competente e grande revista lisbonense *Brasil-Portugal*, de cuja empresa dignamente faz parte como fundador e socio.

Exclusivamente consagrada aos interesses luso-brasileiros, a revista do sr. Lorjô Tavares que vae ser trabalhada por um punhado de notaveis homens de letras de ambos os paizes, tem a utilidade de prestar-se a vehiculo de propaganda, tornando conhecidos reciprocamente, todos os productos do espirito.

Sem a menor duvida, a missão de que se encarregou o sr. Lorjô Tavares, missão de pura intervenção litteraria, porque o distincto jornalista não se preoccupa com os resultados unicamente materias de sua empreza, não é para despertar grandes animos em começo, attendendo-se a pequena parte dos que se deixam enamorar pelas bellezas do livro e do jornal.

Não será isso motivo para fazer desaparecer as esperanças que o trouxeram a esta terra, mesmo porque o sr. Lorjô Tavares é uma natureza forte, incapaz de cair ao primeiro impulso das circumstancias adversas ao seu elevado intuito.

Muito menos ainda sirvam estas palavras de censura ao nosso meio litterario em que, diga-se a verdade, existe uma certa porção de amor ao desenvolvimento intellectual, e o que é bastante para corresponder ao talentoso jornalista na confiança com que elle se lembrou de visitar esta terra.

A revista *Brasil-Portugal*, correctamente escripta e collaborada por um grupo de espiritos de elite, tem a sua parte illustrada que é um trabalho delicadamente artistico, devido aos cuidados typographicos da Companhia Nacional Editora, de Lisboa.

Que saibamos attendér ás necessidades da nossa cultura, concorrendo para a satisfação de um bom resultado na empreza do sr. Lorjô Tavares, porque, se o Brasil não está inteiramente esquecido no movimento litterario do velho reino, e se este não é completamente desconhecido pelos nossos homens de letras, é uma verdade que muito mal nos conhecemos, limitando-nos a uma simples troca de referencias.

Offereceu-nos o nosso illustre hospede os primeiros numeros de sua revista e ficámos

encantados com a sua leitura, realmente instructiva e deliciosa.

Os esforços dos seus directores sr. Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tarses, a revista *Brasil-Portugal* conseguiu um triumpho em sua entrada no mundo das leituras, razão porque é de esperar a sua continuação gloriosa, na propaganda a que se dedicou em favor de dois países cuja bella alma e tradições confundiram no mesmo sentimento e nas mesmas esperanças.

Os que chegam

Do Rio de Janeiro chegaram entre outros os seguintes passageiros:

Pelo «Portugal»

João Antonio Pereira Pires, activo e conceituado negociante n'aquella cidade onde reside ha 4 annos, pertencendo a diversas instituições de beneficencia e instrução. Partiu para a sua terra natal: Povoá de Lanhoso.

José Moreno, 22 annos ausente no Rio, e todo este tempo dedicado ao commercio, volta ao seu país, e vai na sua formosa patria, Vianna do Castello, repousar de tantas fadigas e pagar o justo premio dos seus trabalhos. Pertence a numerosas associações portuguezas do Rio de Janeiro.

Manuel Palhares de Matamim, regressou a Ponte de Lima, depois de uma curta ausencia no Rio, onde tem exercido a profissão de negociante. Pertence á União Colonial Portugueza.

Eduardo Borges de Castro, Consul portuguez na Republica Argentina regressou a Portugal depois de 3 annos de ausencia, tendo na sua missão consular prestado bons serviços ao seu país.

José Ribeiro Valença, Negociante brasileiro em Niteroy, pertence á Beneficencia, á Ordem do Carmo e outras instituições. Vem á Europa acompanhada de sua esposa.

Publicações recebidas

Frel Gonçalo Velho, por Ayres de S.A. Do que é este importante trabalho de inquirição historica acerca do navegador portuguez Pedro Alvares Cabral, dil o o artigo que publicamos no numero antecedente e que devemos á amabilidade e gentileza do seu auctor.

Demographia e hygiene da cidade do Porto, por Ricardo Jorge.

O nome d'este illustre laminar das sciencias medicas, é por demais conhecido em todo o país para dispensar elogios e louvores que nada acrescentariam á justa fama de que goza.

Este trabalho que occupa 442 paginas, é fundamentado em varios documentos officiaes, e escripto n'aquelle estylo desprezencioso e claro de que Ricardo Jorge usa em todos os seus trabalhos.

As freiras de Lervão, por Lino d'Assumpção. Os leitores do *Brasil-Portugal* já conhecem o nome d'este escriptor pelo seu conto. *Um casal novo* publicado no nosso numero antecedente.

As freiras de Lervão constituem um bello e curioso volume no qual se descreve toda a historia d'esse magnifico convento cisterciense onde professaram filhas de reis, e se narra da primeira nobreza do reino. É uma monographia monastica de flagrant interesse, digna de ser lida por eruditos e profanos, e que bem demonstra as aptidões litterarias do seu auctor.

Horas perdidas, por Alberto de Madureira. Livro de versos bem feitos onde canta a inspiração e gargalha a mocidade, dourada pelos sonhos de todas as illusões. Prefacia-o João Penha um mestre da rima, e n'esse prefacio rende-se já á evocação e perfectibilidade litteraria do poeta. Alberto Madureira é um novo esperanças que promete muito no vasto campo da republica das letras.

Por montes e vales (prosa com prefacio e notas) por João Penha.

Não tivemos tempo de ler este livro do notavel escriptor, mas pelo que passamos rapidamente pela vista, parece-nos que ha n'ele assumpto litterario para larga discussão. Nem podia deixar de haver, tratando-se d'um litterato de raça como é João Penha.

Amor de mãe, por Hygino de Mendonça. É uma peça original em 4 actos este trabalho, peça que se representou no theatro D. Amélia e acerca da qual se estabeleceu larga polemica na imprensa. A nossa critica é, que parecias mesmo visto representar muitas outras sem levantarem tanta poeira. Coiza litterarias e questão de sympathias.

Esperança Nova, por Guedes Teixeira. Os nossos leitores já conhecem um excerpto d'esse livro que publicamos no nosso numero antecedente, ainda elle não tinha sahido á luz. Podem pois avaliar do valor do trabalho do poeta.

Agula, revista mensal de artes e letras. É bem feita esta revista, genuinamente litteraria, parecida com tantas outras que no genero se tem publicada no nosso país, vivendo porém pouco, merço o meio em que pretendem desenvolver-se. Desejamos-lhe porém longa e prospera vida.

E a todos os ofertantes agradecemos a gentil distincção com que nos obsequiaram.

ARTE DE SER FORMOSA

As unhas

Vamos hoje concluir este artigo ha tempos interrompido por certos assumptos de outra ordem, e que não podiam soffrer demora, a isso nos obrigou.

Depois que as unhas estão bem lavadas, limpas e limadas, convem friccional-as vigorosamente com uma pequena quantidade de *oleo rosado*, que podemos tomar na extremidade de um dedo. Esta fricção tem por fim dar ás unhas uma tal ou qual flexibilidade, e principalmente evita que a orla da base seque e sangre. Terminado este serviço, devemos enxugar-as bem e passar á operação de as polir.

A polidura das unhas é uma operação que facilmente se faz com um bocado de pelle de camurça e até umas luvas velhas de Suedia ou qualquer luva ordinaria, voltada do avesso. Corta-se em quadrado um bocado de pelle de camurça ou de luva, ou então corta-se um dedo de luva, volta-se do avesso, impregna-se de pó de polir as unhas, e friccional-as até obtermos o brilho tão apreciado pela gente da boa sociedade.

Termina-se a *toilette* das unhas passando-as levemente, assim como a extremidade dos dedos, com uma esponja humedecida em *agua rubra*, ou de qualquer outra preparação corante, que lhes dê uma cor rosada, para fazer sobresair mais a brançura da mão.

O limão tem a propriedade de dar transparencia ás unhas, mas tem tambem o grave inconveniente de seccar a pellicula que lhes serve de moldura. O vinagre de rosas, preparação identica á *agua rubra*, tem o mesmo inconveniente. Se, portanto, nos quizermos servir do limão para obtermos a transparencia das unhas, só o devemos fazer duas vezes por semana, ou então quando nodos de tinta ou outras quaesquer nos forcarem excepcionalmente a usar d'elle, por não sairem com sabão e agua pura.

As pequenas manchas brancas, a que muita gente chama *bons novos*, proceem da perda parcial da transparencia da unha e não ha meios que as façam desaparecer. Nas unhas bem tratadas essas manchas raras vezes apparecem; mas, no caso de se formarem, o unico recurso é esperar pacientemente que a unha cresça e a mancha se elimine.

Quasi que é inutil falar ou apontar remedio contra os rebordos carnosos, que ornão a extremidade dos dedos das pessoas que tem o depravado costume de r'er as unhas ou de as cortar demasidamente, e de as cortar com tal cicio a sua completa deformação. Em tais casos nunca é possível curar as enfermidades dos dedos, ou o seu mau aspecto, sem primeiro fazer desaparecer a causa que as promove, e que é difficil de corrigir. Se alguma das nos-

as leitoras tiver esse vicio horrivel, e d'elle conseguir emendar-se, use então de tiras de diachylo para comprimir os rebordos, embora com isso não evite que a unha cresça desegual e irregularmente, e tenha uma forma achatada. No entanto, no fim d'alguns meses, talvez consiga colher bom resultado.

Hoje, que entre nós muito se tem desenvolvido o gosto por alguns instrumentos, quasi impossiveis de tocar se não usarmos as unhas d'alguns dos dedos sufficientemente compridas, não deixaremos tambem de apontar o meio de evitar que ellas se quebrem. Ora, como esse inconveniente é devido á extrema seccura do tecido das unhas, o melhor é friccional-as com um corpo gorduroso. É a pomada de alcatrão, applicada sobre as unhas antes de nos deitarmos, é um excellente meio para prevenir esse inconveniente. Tambem com o mesmo fim podemos usar d'uma infusão quente de rosmarinho ou alecrim, com que todas as manhas devemos lavar as mãos.

E agora, vamos indicar algumas receitas para embelezar ou dar ás unhas belleza, polido e transparencia.

Pó para polir as unhas

Cinabre 15 grammas
Esmalto porphyrisado 15
Misture bem. É d'um resultado seguro e de toda a confiança.

Óleo rosado

Óleo d'amendoas amargas 4 grammas
Licor de rubro vegetal (Carthameína) 2

Pomada para fortalecer as unhas

Cera virgem 1 gramma
Óleo d'amendoas amargas 2
Aqueça em cartão ou boiço para derreter a cera e misture-lhe metade d'uma gemma de ovo.

Agua rubra

Licor de rubro vegetal 8 grammas
Agua 6
Acido sulphurico 4

Outra agua

Agua destillada 10 grammas
Tintura de myrrha 6
Essencia de verbena 4

Mas, que é tudo isto comparado com os antigos cuidados que as hetairas gregas e romanas, e até as mais celebres patricias da cidade de Romulo, usavam para conservar a belleza das unhas?

Deve saber-se que n'estas mulheres, as unhas dos pés mereciam-lhe muitas mais attentões que as das mãos.

Os romanos e os gregos tinham especial predilecção pela belleza immaculada dos pés das mulheres, que como se sabe se exhibiam nus, pois ainda as meias não se haviam inventado.

Todas as mulheres galantes de Roma e de Athenas, rivalisavam na apresentação da sua formosura pedicula.

E os pés das celebres Phryné, Laís, e Aspasia, assim como os de Lydia, Corina, Faustina, Thais, Pythionice e Glycere ficaram celebres na historia. Estas deusas da galanteria antiga nunca souberam o que era essa terrivel mácula desfeiteira, dos calos, joanetas, olhos de galdo, e mais horrores que presentemente se occultam sob as elegancias caprichosas do calçado moderno.

Os seus pés, no dizer de Catullo, eram brancos como as acucenas, macios como as sedas de Tyro, olorosos como os jardins do Parnaso, delicados como uma rolla, e suggestivos como um philtro.

Calçavam-n'os em lindissimas sandalias estofadas e bordadas a perolas e esmeraldas, ou no cotohurno alto e confortavel de elevado preço e caprichosas ornamentações.

Toda a mulher distincta de Roma ou de Athenas possuía a sua escrava exclusivamente encarregada de lhe cuidar dos pés. E esses cuidados consistiam em manter a brançura e seccura da pelle, em conservar a correcção esthetica dos dedos, e em dar ás unhas o brilho mais

puro e o rosado mais fino. Conseguiu-se isto á custa de variados cosmeticos importados da Persia e da Arabia e de especies melios para que os ardores do sol ou os rigores do frio os não maciassem.

A celebre Pythionice que foi amante de Herpalo, governador de Babilonia, dormia com os pés untados de essencia de nardo e mettidos nos saquinhos de seda cheios de penas do peito dos gansos.

Nos seus poemas, os celebres poetas Menandro, Horacio, e Marcial, referem-se por vezes á belleza in comparavel dos pés das cortezas mais formosas do seu tempo.

Tambem as mãos não eram abandonadas dos cuidados do tocador por estas asphyldes que tanto contribuíram para a decadencia romana. Occuparam-se d'ellas com esmero, e a proposito lembra-nos uma descripção de Sento no na qual tratando se do apparecimento das mulheres galantes na via publica, nos conta que ellas mostravam as mãos de deslumbrante alvura, ornadas de joias, e para as conservarem frescas se entretinham a jogar com pequenas esferas de crystal. Por muito que se tenha inventado, o tocador moderno de uma mulher galante fica muito aquém d'aquelles que nos descrevem os escriptores da antiguidade, e os que constituíam em todo o oriente as preoccupações das odaliscas e concubinas dos magnates d'esses longinquos palcos do luxo e da indolencia.

A luva vil deafeia a distincta belleza da mão, como o sapato e a bota, a natural elegancia do pé.

Estes involucros modernos não consentem que as unhas sejam tratadas e cuidadas como realmente o deviam ser.

A seguir trataremos dos infinitos processos para conservar a belleza da pelle.

O fim do mundo

É cousa assente que, de longe a longe, quasi em periodos fixos, a superstição popular, apesar de todas as luzes da sciencia, espalhará pavorosas noticias de catastrophes telluricas ou celestias que deverão pôr fim ao nosso velho globo sublimar.

Renunciámos a descrever esses periodos de loucura collectiva que se verificaram nos tempos barbaros da Edade Média, quando bastava a phantasia de um visionario para pôr ás populações n'am continuo terror.

Exemplo d'isso o anno mil, admitto geralmente como o fim certo do planeta.

Mas o que é extranho, e, amavelmente extranho, é que um professor da Universidade de Vienna, o dr. Falb, se abalancasse a predir, em nome da sciencia que ensina, quando chegará o fim do mundo. E tudo isto a proposito d'um cometa que, em 13 de novembro de 1899 deve incendiar e destruir o nosso planeta.

Não só o dia e hora estão predictos por Falb, mas até a maneira da destruição. Um enorme cometa destruirá a nossa atmosphera com o fogo dos seus gazes asphyxiantes e deletorios, lançando sobre nós milhoes e milhoes de bolidos incandescentes!

A verdade é que a prophacia do professor Falb tomou tal consistencia na Allemanha e já se tornou universalmente acceita, que o director

do Observatorio de Berlim, o professor Guilherme Foester teve de sahir a terreiro para tranquillisar os animos.

Em virtude de asseverações imprudentes, o publico crey que o mundo acabará no dia 13 de novembro de 1899. Ora a unica cousa verdadeira em tudo isso é: que a terra passará então através de uma immensa nuvem de pequenas asteroides, como já succedeu em 1799, em 1833 e 1856; mas que este phenomeno não é de natureza a causar a menor inquietação.

Na passagem do grande cometa de 1833 observaram-se n'um minuto, entre as 4 e 6 horas da manhã, mais de mil pequenas estrelas cadentes. Durante a noite contaram-se 250.000.

O espectáculo loo tambem grandioso em 1896; e repetir-se-ha para o anno, porque a terra atravessará de novo, com 30 annos de intervallo, uma immensa camada de asteroides interplanetarios.

RECEITAS

Uma excellente mostarda

Tomar uma pequena porção de alpo, salsa, cebolinha, cerefolio e alho; pizar estas plantas e pô-las a macerar em bom vinagre, durante dez dias. Tomar depois:

Azeite d'oliveira 150 grammas
Sal marinho em pó 200
Essencia de tomilho 40 gottas
Essencia de canella 30
Pimenta, cravo e noz moscada, de cada 15 grammas

Pizar, n'um almofariz, as plantas, que estavam a macerar no vinagre, e ajuntar farinha de mostarda e vinagre, de modo a formar uma massa espessa. Encoprir então os outros ingredientes, deixar repousar dois dias, e deitar em pequenos boítes. É a melhor das mostardas.



Horas de ocio

Declarações do n.º 5 do Brasil-Portugal

Das charadas novissimas (n.º 20) — Calcular, Vedado, Jella-dona, Garrucha, Mostrador, Fecundidade.
Das charadas diffusas — Egipcio, Remota
Da charada em verso (n.º 3) — Amor
Da charada emblematica em quadro (n.º 28) — Linomada.

A PARRY & SON

Fabrica de construção de navios de aço e ferro, Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar. Construções metálicas de todo o genero.

34 e 36, Rua Vinte e Quatro de Julho, 34 e 36 — LISBOA

Estaleiro no Ginjal

ESTEVE'S & C.ª

57, R. Garrett, 59 (ao Chiado) — LISBOA

Depositaristas das melhores bicycletas inglezas e americanas **RALEIGH & STERLING**.
Chapel no Campo de Ourique, n.º 119-121.
Officina, Rua de Bazarco, 50
Ensina-se a andar em bicycleta gravolmente, sendo construída na casa. Alugam-se bicycletas. Venhas a prestações.
Telegrammas — **Bicyclette-Lisbon**

OCCASIAO

Um magnifico retrato em tamanho natural, com esplendida moldura, custa apenas

7\$000 REIS!

Recebem-se encomendas das provincias enviando o retrato e a importancia em carta registada.

Photographia Julio Novaes

28 — RUA IYENS — 28
(Volgo Rua S. Francisco)

CASA LIQUIDADORA

93, 95, 97, 99 — AVENIDA DA LIBERDADE — 107, 109, 111, 113

(Em frente ao THEATRO S. JOAQUIM)
Hebricio este antigo estabelecimento sob a gerencia de sua unico proprietario

Maria Guilhermina de Jesus

Ex-coza da extincta Firma LEIRA & C.ª por elle ficar pertencendo pela scriptura de pella extra-judicial

Da carta enigmatica (n.º 22) — Salamandra
Do enigma n.º 30:

Porque hei-de chorar-te, ó vida
Já da ventura despiã
Se te não és o meu bem?
Quando mais me quizeses sorte
Mas sendo a doce morte
Nas amarguras que tem.

Das perguntas enigmaticas (n.º 31) — Cordeal, Faleb
Chopin

Carta enigmatica

Amigo 3, 6, 7, 8.

Regressai da minha viagem ao 5, 8, 9, 10 Acompanhava-vos
minha irmã 3, 6, 7, 8, 9 e a sua amiga 7, 10, 6, 8, vezinho de
2, 4, 6, 10 Em meio da viagem afogaram-se-as sentir um 6, 7,
7, 10, e que caouso a 10, 9, 10, 5, 6, 4, 6, 10 por se
já noite, mas como estava 2, 4, 5, 7 vinou um pobre 7, 8, 6, 10
que se escapava ao caoto do nosso gajo, um forte rajal na
tura de 2, 10, 4, 5, 8.

Se quizerses contar isto no 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10.

Ten amigo

7, 10, 5, 8, 9, 10.

Charada decapitada

(por letras)

Fui a — por causa de uma dama que qualquer — chamada —
e ovindo-lhe uma — tudo — porque — mal — valer.

Charadas novissimas

- E' idolo no Gallia e supremo sacerdotio — 1, 1.
Civilizei no polo este verme aquatico — 2, 1.
Na capital sou daminha porque rubro — 1, 2.
Vale alguma cousa esta mulher que faz soffrer — 1, 1.
A mulher que corre é rainha dos anjos — 1, 2
Nos Antilhas e na Syria é famoso monte — 2, 2.
Na acustica reinou e governou — 1, 1.
No meu quarto de dormir, em Tavira, dormiam meus 3
e — 3, 1.
É terrivel a tal familia... faz colares do arco da velha? 1, 2.
Na academia acompanhando esta dama vi uma fonte cele-
bre — 2, 2.

Não é a favor da wala, mas causa prazer — 2, 2.

Logographos novissimos

M	V	U	T	Q	D	T	D
2	1	1	2	1	2	1	2

Proverbio

C	D	C	E	G	D	G
2	1	1	1	2	1	1

F. A. de MATTOZ.